

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 121 — Nº 2.096 — NOVEMBRO 2003 — R\$ 4,00



Dia dos vivos

A morte é um episódio transitório
na vida do Espírito



Nesta Edição:

O fenômeno do século XX — Francisco Cândido Xavier

O amor que se divide multiplica a felicidade

Intuições espíritas dos filósofos gregos

LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 121 / Novembro, 2003 / Nº 2.096



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	
Aérea	US\$ 45,00

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário – Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Rebouças & Associados

Tema da Capa: O tema DIA DOS VIVOS expressa a visão espírita da vida e da morte, no mês da tradicional comemoração de Finados ou dia dos mortos.

EDITORIAL

O ponto de união 4

ENTREVISTA: FRANCISCO BISPO DOS ANJOS 11

Uma visão do Movimento Espírita

PRESENÇA DE CHICO XAVIER 14

O fenômeno do século XX – Francisco Cândido

Xavier – *Ney da Silva Pinheiro*

ESFLORANDO O EVANGELHO 21

Vê como vives – *Emmanuel*

A FEB E O ESPERANTO 25

O Esperanto divulgando o Espiritismo na Polônia –

Neusa Priscotin Mendes

PÁGINAS DA REVUE SPIRITE 33

Os milhões do Sr. Allan Kardec – *Allan Kardec*

SEARA ESPÍRITA 42

Reflexões e ponderações – *Juvanir Borges de Souza* 5

Cadáveres e fama – *Joanna de Ângelis* 7

Tristeza e solidão – *Corydes Monsore* 8

Dia dos vivos – *Richard Simonetti* 9

Oração no dia dos mortos – *Emmanuel* 10

Educação – *André Luiz* 16

Lavoisier e a fenomenologia espírita – *Mauro Paiva Fonseca* 17

O amor que se divide multiplica a felicidade – 18

Dalva Silva Souza

Identidade dos Espíritos – *Rildo G. Mouta* 19

Surgimento do Homem na Terra – *Umberto Ferreira* 20

Intuições espíritas dos filósofos gregos – *Paulo Roberto Viola* 22

Amor – *João de Brito* 24

Perigos e receios – *Washington Borges de Souza* 26

Apresentação social – *Passos Lirio* 27

O corpo e o Espírito – *Inaldo Lacerda Lima* 28

A Fraternidade – *Paulo Nunes Batista* 29

A reencarnação e o medo da verdade – 30

José Carlos Monteiro de Moura

Desencarnação – *Olegário Mariano* 32

Parque Gráfico da FEB – 55 anos 35

Canto cidadão – *Orson Peter Carrara* 36

1º Congresso Espírita Paraguaio 37

Uma expressão habitual: O Nosso Centro – 38

Octávio Caúmo Serrano

Referência passo a passo – II – Capítulo de livro – 40

Geraldo Campetti Sobrinho

Apoio oculto – *Maria Dolores* 41

Editorial

O ponto de união

No primeiro capítulo da Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, depois de observar que as matérias contidas nos Evangelhos podem ser divididas em cinco partes – os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral –, Allan Kardec destaca: *“As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.”*

A ênfase dada ao ensino moral no trato com os assuntos do Evangelho de Jesus não representa uma opinião pessoal de Kardec. É diretriz que os Espíritos Superiores estabeleceram na Doutrina Espírita, que, como Consolador prometido que é, veio para ensinar todas as coisas e recordar tudo o que Jesus disse e vivenciou há dois mil anos.

Sendo *“terreno onde todos os cultos podem reunir-se”*, é, com muito mais razão, o ponto de união de todos os espíritas, que devem ter no ensino moral do Evangelho o foco principal de sua ação, pois será através do estudo, da divulgação e da prática do Espiritismo, com a nossa concomitante reforma moral, que teremos condições de desenvolver o nosso progresso espiritual, o qual nos permitirá alcançar níveis de compreensão mais profunda da vida e de todas as leis que emanam de Deus.

O ensino moral do Evangelho à luz da Doutrina Espírita representa o ponto de união em torno do qual devemos todos nos concentrar, alimentando-nos com as vibrações da fraternidade e fortalecendo-nos no trabalho de difusão doutrinária, abrindo, assim, uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Reflexões e ponderações

Juvanir Borges de Souza

A Doutrina Espírita, em sua essência, foi revelada pelos Espíritos Superiores e sistematizada pelo missionário Allan Kardec.

Seu objetivo primacial é o da libertação das almas presas à materialidade da vida, mostrando ao homem sua verdadeira natureza.

O caminho indicado pela Doutrina para essa libertação é o mesmo há muito indicado pelo Mestre Jesus, o Cristo de Deus, em sua mensagem a toda a Humanidade – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.”

Os espíritas atentos sabem, pois, que, para alcançarem a libertação, há um *caminho* a ser palmilhado, com esforço e coragem, sem tergiversações.

Esse *caminho* para a ascensão individual, ensinado pelo Cristo, é reafirmado pelo Espiritismo, em linguagem atual e inteligível pela generalidade das criaturas interessadas no auto-aperfeiçoamento.

A obra da regeneração do homem e do mundo é, entretanto, complexa e difícil.

Apesar da clareza da Doutrina Consoladora, interpretando os ensinamentos milenares do Cristo, que os espalhou por toda a Humanidade, através dos missionários de todas as

épocas, a rebeldia do espírito humano se apegava ao personalismo, ao egoísmo, ao materialismo multifário, ao orgulho e às vaidades.

Assim, a Ciência e as Religiões, que deveriam constituir-se em alavancas para o progresso integral da Humanidade, perdem-se em desvios constantes, dominadas por interesses personalistas de toda ordem.

Dogmas impróprios, científicos e religiosos, são responsáveis por idéias que se cristalizam no tempo, atrasando o progresso geral.

**A evolução,
o progresso,
que é lei divina,
não deixa
de incidir
sobre os indivíduos
e sobre as
coletividades**

A verdade que liberta e a realidade que se impõe por si mesma sofrem a procrastinação natural devida ao livre-arbítrio individual, evitado de personalismos.

O resultado é que o progresso intelectual e moral dos habitantes de mundos como a Terra se faz muito lentamente, mesmo com a assistência permanente dirigida do Alto.

Entretanto, a evolução, o progresso, que é lei divina, não deixa de incidir sobre os indivíduos e sobre as coletividades, mesmo que à custa de repetições de vidas e de experiências, por vezes dolorosas.

...

Jesus, que é o *caminho*, é também a *verdade*. Preposto de Deus, Governador Espiritual da Terra, tem a missão de transmitir a verdade à Humanidade, de modo progressivo, na medida em que ela, ou parte dela, possa compreender o sentido real da vida e de todas as coisas.

A *verdade*, em sua forma unitária e absoluta, não é ainda conhecida pelos homens.

Mas tem sido revelada de forma parcial e relativa às necessidades dos homens e aos tempos.

Tanto na ordem física, quanto na ordem moral e intelectual, a verdade vai-se desvendando aos Espíritos, à medida e na proporção que se elevam em espiritualidade.

O amor, a fraternidade, como os conhecimentos em geral são expressões da verdade.

Desenvolver os sentimentos sintetizados no Amor e proporcionar conhecimentos sempre mais amplos aos habitantes do planeta



Terra é a grande missão de Jesus, o Verbo do princípio.

Para isso se valeu de Espíritos missionários junto a todos os povos e no seio de todas as raças: Fo-Hi e Confúcio, Buda, Sócrates e Platão, Moisés e os profetas bíblicos, Amenhotep IV, Mahomet e tantos outros, são alguns desses enviados.

Essa tarefa extraordinária Ele mesmo executou-a pessoalmente, quando de seu nascimento e vida entre os homens, dando início à Era Cristã da História humana.

Aquela missão que o Cristo desempenhou pessoalmente, como o Consolador, o Espírito da Verdade, junto aos apóstolos que escolheu, Ele prometeu que continuaria com outro Consolador que viria no futuro, para recordar as verdades já reveladas, acrescidas de outras parcelas de conhecimentos a que os homens fizessem jus.

O Consolador prometido já se acha no seio da Humanidade. É, sem dúvida, a denominada Terceira Revelação, a Doutrina que os Espíritos Superiores, à frente o Espírito da Verdade, transmitiram aos homens, através da mediunidade de trabalhadores escolhidos e do missionário Allan Kardec.

A tarefa atribuída pelo Cristo ao Consolador, junto à Humanidade, consiste em mostrar a luz da verdade, que a guiará, progressivamente, em conhecimentos no campo da matéria, assim como no terreno moral.

Jesus mostra ainda o sentimento verdadeiro da *Vida*, criada por Deus sob múltiplas formas e que, no homem, é o Espírito em evolução contínua.

A Doutrina Espírita, o Consolador, demonstra essas verdades sob forma clara, nítida, em linguagem acessível a todos.

...

Uma das grandes realizações da Nova Revelação, com relação ao pensamento moderno, foi a de estabelecer perfeita harmonia entre a Fé e a Razão.

Em todos os tempos, tem sido notória a divergência entre a virtude da Fé, essa força interior arduamente construída, e a Razão humana que o Criador nos outorgou, como orientadora de nossa inteligência.

O que se torna necessário é que cada ser humano procure a Verdade

Essa divergência, entretanto, não deve existir em nenhum sentido, como demonstraram os Espíritos Reveladores, levando Kardec a formular o célebre aforismo: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Realmente, a verdadeira fé baseia-se em realidades transcendentes, que a razão esclarecida não deve desconhecer.

Não se pode conceber que o Criador dotasse o homem, Espírito imortal, de faculdades inconciliáveis, que se combatessem.

A fé, força e energia do sentimento, que eleva o poder do ser, não poderia ser repelida e contrariada pela inteligência e raciocínio desse mesmo ser.

Se essa anomalia ocorresse, teria havido uma falha, um engano na Criação, o que é inconcebível.

O que tem ocorrido, através dos tempos, é a fragilidade da fé, por múltiplas razões, como também falhas da razão, uma e outras reparáveis.

Como decorrência da grande verdade de que Fé e Razão se complementam, não poderão prevalecer, no futuro, as divergências e o combate entre a Religião e a Ciência, eis que ambas são alavancas para o progresso.

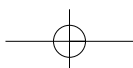
Suas divergências devem-se às más interpretações de um lado e de outro, e à ignorância de princípios norteadores de que a Humanidade já dispõe.

Não se pode interpretar *racionalismo* como *ateísmo* ou *materialismo*, como também não se pode aceitar as teses e dogmas dos teólogos, que se basearam na letra e não no espírito dos ensinamentos antigos.

A correção dessas anomalias foi feita com as instruções dos Espíritos Superiores, ajustando as interpretações incorretas e acrescentando os novos conhecimentos trazidos pelo Consolador.

O que se torna necessário é que cada ser humano procure a Verdade, superando conceitos e preconceitos, despidendo-se do orgulho e da vaidade e abrindo os olhos e os ouvidos para o superior, o transcendente.

O *caminho* torna-se mais fácil com a fé raciocinada. ■



Cadáveres e fama

Pessoas há, que transitam no mundo hodierno, aureoladas pela fama a que fazem jus, em razão dos procedimentos elevados e dos labores de edificação que realizam em favor da sociedade.

Outras também existem, que permanecem no anonimato, embora as ações de engrandecimento moral que desenvolvem, optando pelo silêncio, não se preocupando com as láureas da glória, nem com os ouropéis da ilusão terrena.

Igualmente se notabilizam aquelas que se fazem verdugos do seu próximo, sendo a sua celebridade decorrente das aflições que infligem, tornando-se lamentavelmente notórias pela crueldade que lhes é peculiar.

Tão logo desencarnam, são comentadas, invejadas, imitadas, transformando-se em modelos para condutas pessoais, pelo menos, por algum tempo, em decorrência do choque e do traumatismo que produz o seu falecimento.

Há pessoas, no mundo das frivolidades, que têm dificuldade para alcançar metas grandiosas e atingir posições que despertem comoção, quais o destaque na comunidade, no poder econômico, político, social...

Borboleteiam em volta daquelas que são focos da atenção geral, buscando imitá-las pelo exterior,

copiando-lhes o maneirismo, a caligrafia, os temas de conversação, os tiques e características da comunicação verbal...

Quando desencarnam esses indivíduos, que se tornaram célebres, os seus seguidores estão vigilantes e ansiosos para tomar-lhes o lugar, mesmo que em postura secundária, atirando-se em aguerridas disputas pelos tesouros da aparência, fazendo-se famosos graças aos seus cadáveres...

Não têm por meta o trabalho de construção do bem, que os imitados produziram, mas propõem-se a herdar-lhes a fama, a serem seus substitutos na forma, sem as credenciais superiores de natureza moral, que os tornariam, sem dúvida, seus continuadores.

Engalfinham-se em intrigas odientas, em batalhas verbais ou escritas contra os demais, apontando-os como desejosos de serem os legatários reais, com o objetivo exclusivo de afastá-los do seu caminho, deixando-lhes em aberto o espaço que disputam.

Ao agredir aos outros, exteriorizam o conflito em que se aturdem, receando perder o campeonato da insensatez que perseguem avidamente.

Vestem a capa da humildade, e, através de comportamento fingido, assim como de simplicidade forçada, sem qualquer credencial para aspirar à fama que perseguem, pensam merecer as honrarias da glória fugidia que ambicionam.

Não se dão idéia do ridículo a que se expõem, e malbaratam a excelente oportunidade ao seu alcance para a iluminação interior que postergam.

Para eles é muito difícil assumir o que são, a sua realidade, trabalhando em favor da própria transformação moral para melhor.

Desejam a fama a qualquer preço, embora se recusem pagar o tributo que a mesma exige, em razão de a coroa de que se faz portadora pesar muito, não raro, vergando a cabeça daquele que a ostenta...

...

Luta, porém, para a preservação da tua identidade, sem inveja de ninguém.

És, o que fazes de ti.

Por mais que admires alguém, não o copies pelo exterior, antes aprende as lições de que seja portador, insculpindo-as nos refolhos da alma, a fim de vivenciá-las os seus exemplos dignificadores, as suas renúncias grandiosas.

Toma-os como lições vivas e aplica-as no teu comportamento pessoal.

Prossegue, porém, tu mesmo, com as tuas características, as tuas conquistas, os teus valores em contínuo processo de enriquecimento espiritual.

É muito desagradável e perturbadora a dissimulação.

Esforça-te por ser autêntico, por assinalar a tua marcha evolutiva com as tuas realizações pessoais,



todas decorrentes das tuas lutas de iluminação, que nascem no pensamento, exteriorizam-se no verbo edificante e se materializam no intercâmbio com todas criaturas.

Como existem aquelas que se preocupam em adquirir fama sobre o cadáver das pessoas notáveis, de alguma forma, outras há, também enfermas, que os elegem como seus líderes, embora o esdrúxulo comportamento que se permitem.

Se abraças o Espiritismo, que te ajuda a discernir e a crescer interiormente, dispões do Modelo da Humanidade, que é o Mestre por excelência, a Quem debes imitar, seguindo-O em todos os teus momentos.

Deixa-te penetrar pelos Seus ensinamentos e comportamento, buscando copiar-Lhe a conduta, porque Ele, sim, é o Guia que jamais se equivocou.

Quando na Cruz, no instrumento de flagício, ao invés da fuga espetacular ao testemunho, com os braços abertos, afirmou que assim permaneceria, a fim de atrair todos ao Seu magnânimo coração.

A Sua vida, que foi uma sinfonia de ações incomuns e libertadoras, continua vibrando na pauta da Natureza e dos séculos, a fim de que todos a ouçam e se deliciem com os seus acordes incomparáveis.

Os cadáveres que anteriormente hospedaram Espíritos nobres ou não, que se notabilizaram no mundo, igualmente decompõem-se como todos os demais, transformando-se em cinza e pó.

Deixa-os no solo de onde se originam e voa com a Essência livre, nimbada de claridades divinas, quando bons e missionários do amor, da caridade, da paz...

A fama sobre cadáveres alcança também aqueles que foram Espíritos ignóbeis, perversos, sanguinários.

A sua é a fama da loucura, das enfermidades que lhes consumiram os corpos.

...

Francisco de Assis, imitando Jesus, despiu-se de tudo para segui-lo, e não se considerava digno sequer de O amar.

Teresa d'Ávila, para segui-LO, sacrificou-se até a doação total.

... E todos aqueles que Lhe têm buscado a companhia *morrem* no corpo, a fim de que possam *viver* com Ele.

A fama, portanto, sobre cadáveres de pessoas notáveis, transforma-se em transtorno de comportamento a caminho da loucura...

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúnica da noite de 28 de julho de 2003, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.) ■

Tristeza e solidão

Corydes Monsoreos

"Olhai os lírios do campo (...)."
Jesus. (Mateus, 6:28.)

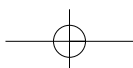
Quando a tristeza te bater à porta
e solidão sentires no teu ninho,
pensa em Jesus e deixa, de mansinho,
aflorar o sorriso que conforta.

O pássaro alimenta o filhotinho
com o que encontra no pomar, na horta.
Não planta, entanto a natureza o exorta
a trabalhar e o trata com carinho.

Se a falta de recursos te inquietar,
o Mestre nos ensina a praticar
o Amor fundamental da Sua Ciência.

Se a usada roupa te preocupar,
busca os lírios do campo para olhar,
confia em Deus e em Sua Providência.

Não pode o lírio tecer nem fiar,
mas Salomão não teve, ao desfilar,
a mesma alvura e perfumosa essência.



Dia dos vivos

Richard Simonetti

Antigas culturas orientais pranteavam o nascimento e festejavam a morte, partindo de dois princípios:

- Nascer é iniciar uma jornada de dores e atribulações, enfrentando o longo degredo neste vale de lágrimas.

- Morrer é desvencilhar-se das amarras e ganhar a amplidão.

São perfeitamente compatíveis com a Doutrina Espírita, que nos fala da reencarnação como uma experiência difícil, complicada, mas necessária, no estágio de evolução em que nos encontramos.

É, digamos, uma materialização a longo prazo, uma armadura de carne que vestimos, a limitar nossas percepções.

Ligação tão íntima, tão entranhada, que o corpo passa a integrar nossa alma, como um apêndice, colocando-nos em contato com vicissitudes como a dor, o desajuste, a doença, a senilidade, próprios dos seres biológicos, a se acentuarem na medida em que se desgastam suas células.

Por outro lado, o esquecimento das experiências anteriores gera boa dose de insegurança. O reen-

carnante situa-se perdido no presente, a caminhar para o futuro sem o referencial do passado.

E há, ainda, o contato com pessoas e situações que dizem respeito ao pretérito, envolvendo afetos e desafetos. Estará às voltas com sentimentos gratuitos e contraditórios de simpatia e antipatia, afeto e desafeto, amor e ódio, envolvendo gente de seu relacionamento, particularmente os familiares.

Isso tudo é necessário, uma contingência evolutiva.

A carne é a lixa grossa que desbasta nossas imperfeições mais grosseiras.

O esquecimento do passado é a bênção do recomeço, a fim de que possamos superar paixões e fixações que precipitaram nossos fracassos no pretérito.

A convivência com afetos e desafetos de vidas anteriores é a oportunidade de consolidar afeições e desfazer aversões.

Mas... enfrentar tudo isso em estado de amnésia, sem a mínima noção do porquê dessas experiências!...

Barra pesada!

...

A literatura psíquica nos dá notícia das angústias do Espírito, quando se prepara para o mergulho na carne, considerando suas próprias limitações e as dificuldades inerentes à jornada humana.

Em *O Livro dos Espíritos*, há a questão 341:

Pergunta Kardec:

Na incerteza em que se vê, quanto às eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, tem o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?

Responde o mentor:

De ansiedade bem grande, pois que as provas da sua existência o retardarão ou farão avançar, conforme as suporte.

No livro *Nosso Lar*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, André Luiz reporta-se à ansiedade de Laura, nobre senhora que se preparava para reencarnar. Não obstante seus incontáveis méritos, encarava com apreensão o mergulho na carne.

E comenta com o Ministro Genésio, um benfeitor espiritual:

— Tenho solicitado o socorro espiritual de todos os companheiros, a fim de manter-me vigilante nas lições aqui recebidas. Bem sei que a Terra está cheia da grandeza divina. Basta recordar que o nosso Sol é o mesmo que alimenta os homens; no entanto, meu caro Ministro, tenho receio daquele olvido temporário em que nos precipitamos. Sinto-me qual enferma que se curou

de numerosas feridas... Em verdade, as úlceras não mais me apoquentam, mas conservo as cicatrizes. Bastaria um leve arranhão, para voltar a enfermidade.

Laura reporta-se àquele que talvez seja o maior problema do Espírito reencarnado – a reincidência.

Tornar aos mesmos enganos do passado.

Nas reuniões mediúnicas é comum o contato com Espíritos que simplesmente refugam as oportunidades de reencarnar, alegando que estão muito bem e não se sentem dispostos a enfrentar o mergulho nas incertezas da carne.

Embora tenham que fazê-lo, mais cedo ou mais tarde, resistem o quanto podem.

Em face disso tudo, amigo leitor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que reencarnar é complicado.

...

Já desencarnar é o alijar da amadureza, a retomada das percepções, o reencontro com os afetos caros.

É o retorno à amplidão, uma celebração da Vida em plenitude, sem as limitações humanas.

Se desencarnarmos levando um mínimo de vitórias, na luta contra nossas imperfeições, se algo

fizemos em favor do bem comum, combatendo o egoísmo; se aprendemos a conjugar os verbos amar, perdoar, compreender, na vivência do Evangelho, então seremos muito bem amparados, e nos situaremos felizes como o viajor que finalmente retorna ao lar.

Estavam certas as antigas culturas orientais.

Quem sabe, um dia, quando essa realidade for melhor assimilada pela Humanidade, haveremos de mudar as comemorações do dois de novembro.

Não mais o dia dos mortos.

Mais apropriadamente, o dia dos vivos. ■

Oração no dia dos mortos

Senhor Jesus!

Enquanto nossos irmãos na Terra se consagram hoje à lembrança dos **mortos-vivos** que se desfaixaram da carne, oramos também pelos **vivos-mortos** que ainda se ajustam à teia física...

Pelos que jazem sepultados em palácios silenciosos, fugindo ao trabalho, como quem se cadaveriza, pouco a pouco, para o sepulcro;

pelos que se enrijeceram gradativamente na autoridade convencional, adornando a própria inutilidade com títulos preciosos, à feição de belos epitáfios inúteis;

pelos que anestesiaram a consciência no vício, transformando as alegrias desvaídas do mundo em portões escancarados para a longa descida às trevas;

pelos que enterraram a própria mente nos cofres da sovinice, enclausurando a existência numa cova de ouro;

pelos que paralisaram a circulação do próprio sangue, nos excessos da mesa;

pelos que se mumificaram no féretro da preguiça, receando as cruzes redentoras e as calúnias honrosas;

pelos que se imobilizaram no paraíso domésti-

co, enquistando-se no egoísmo entorpecente, como desmemoriados, descansando no espaço estreito do esquife...

E rogamos-te ainda, Senhor, pelos mortos das penitenciárias que ouviram as sugestões do crime e clamam agora na dor do arrependimento;

pelos mortos dos hospitais e dos manicômios, que gemem, relegados à solidão, na noite da enfermidade; pelos mortos de desânimo, que se renderam, na luta, às punhaladas da ingratidão;

pelos mortos de desespero, que caíram em suicídio moral, por desertores da renúncia e da paciência;

pelos mortos de saudade, que lamentam a falta dos seres pelos quais dariam a própria vida;

e por esses outros mortos, desconhecidos e pequeninos, que são as crianças entregues à via pública, exterminadas na vala do esquecimento...

Por todos esses nossos irmãos, não ignoramos que choras também como choraste sobre Lázaro morto...

E trazendo igualmente hoje a cada um deles a flor da esperança e o lume da oração, sabemos que o teu amor infinito clarear-nos-á o vale da morte, ensinando-nos o caminho da eterna ressurreição.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos*. 14. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 77, p. 217-218.

ENTREVISTA: FRANCISCO BISPO DOS ANJOS

Uma visão do Movimento Espírita

Francisco Bispo dos Anjos, Secretário da Comissão Regional Nordeste do Conselho Federativo Nacional, fala a Reformador sobre sua vivência no Movimento Espírita da Bahia, do Nordeste, e em âmbito nacional

P. – Há quanto tempo você atua no Movimento Espírita?

FB – Na primeira quarta-feira de março de 1947 eu chegava, pela primeira vez, à Capital, procedente do interior, da Região da Chapada Diamantina, de um povoado no Município de Seabra, hoje Cidade de Souto Soares. Lá havia lido, nos anos 1945/1946, alguns livros espíritas, tomados por empréstimo, a começar pelo romance *A Vingança do Judeu*, de J. W. Rochester. Comprei, em seguida, alguns livros à FEB, pelo “Reembolso Postal”. No domingo seguinte, cedo, dirigi-me à União Espírita Bahiana, no Largo do Cruzeiro de São Francisco, 8, no Centro Histórico de Salvador, e lá encontrei reunida a União da Juventude Espírita da Bahia, primeira organização juvenil espírita do Estado, fundada em 1945. Integrei-me logo no grupo, na Casa, hoje Federação Espírita do Estado da Bahia, e no Movimento Espírita, até os dias atuais. Participavam daquela sessão matutina, na União Espírita Bahiana, os jovens Heitor Spínola Cardoso, fundador da Mocidade, Maria Luísa Serra Pontes, com destacada atuação na Juventude e na implantação da Evangelização da Infância na Bahia, a partir do ano de 1954, Ildefonso do Espírito Santo, Waldemir Almeida de Oliveira que, com mais alguns companhei-



Francisco Bispo dos Anjos falando no CFN

ros, chegados depois – Etienne Gifone Rocha e Sinésio Vieira Ramos (desencarnados em 1962), Jayme dos Santos Batista, a partir de 1958, e outros – viriam formar um grupo unido, amigo, voltado para a divulgação da Doutrina e organização e unificação do Movimento Espírita, na Bahia.

P. – Como você se envolveu com o trabalho de unificação?

FB – Com o surgimento de juventudes espíritas em outros Centros, no início de 1950, já participava da criação da União das Juventudes Espíritas da Bahia, órgão de unificação do movimento jovem, passando a União da Juventude a denominar-se Juventude Espírita Manoel Miranda, em homenagem ao grande trabalhador da Causa Es-

pírita em nosso Estado, Manoel Baptista Philomeno de Miranda, Espírita dedicado ao estudo da mediunidade, que vem, há algum tempo, transmitindo apreciados livros através da psicografia de Divaldo Pereira Franco. Com a assinatura do “Pacto Áureo” em 1949 e a consequente fundação da União Social Espírita da Bahia (USEB), em 2 de novembro de 1950, dois anos depois era criado o Departamento de Juventude da USEB, para substituir a União das Juventudes, e eu empossado seu Diretor, em 8/12/1952.

P. – Em que período dirigiu a FEEB e em que cenário?

FB – Quando da volta da União Espírita Bahiana à condição de órgão federativo estadual, com o nome de Federação Espírita do Estado da Bahia, em 11/2/1973, com a incorporação da USEB, eu estava concluindo o segundo mandato de três anos como Presidente da União Espírita Bahiana. Instalada a FEEB, fui eleito Presidente da Diretoria Executiva para um mandato de três anos, para o qual fui também reeleito. De lá para cá, tenho sido Presidente do Conselho Administrativo ou 2º Vice-Presidente da Diretoria Executiva, cargo para o qual fui novamente escolhido no mês de abril último.

O cenário era bem diferente. Os dirigentes dos Centros, de mo-

do geral, ainda não haviam despertado para a importância da união dos espíritas e a unificação do Movimento, não obstante os esforços desenvolvidos por José Petitinga e Manoel Miranda, nos tempos da União Espírita Bahiana, e pelos primeiros dirigentes da USEB, que tornaram mais freqüentes as visitas aos Centros e introduziram a prática de palestras espíritas em logradouros públicos, nos bairros da Capital, início do esforço de sair-se dos limites do Centro para levar a Mensagem Espírita à comunidade como um todo. Foi pequeno o número de novas adesões à nova Entidade, quando, para suprir a carência de trabalhadores na área, os jovens, com mais tempo nas atividades de unificação, passaram a integrar a Diretoria da USEB, promovendo-se alteração estratégica de dispositivo do Estatuto (1962). Nos primeiros anos era notória a apatia dos Centros já integrantes do sistema, começando a amenizar as dificuldades após os jovens mais experientes que atuavam no DIJ terem assumido cargos na direção da Federativa, no final de 1969. A década de 60 marcou profundas mudanças no Movimento na Bahia, com reflexos nos demais Estados da Região. Foi quando passaram a ocorrer os Grandes Eventos Espíritas em Salvador, em espaços não espíritas abertos à sociedade como um todo e com maior utilização dos meios de comunicação, então mais disponíveis. Cabe ressaltar como um dos principais fatores contributivos de mudanças do cenário espírita na Bahia e na Região a ação e o apoio ao trabalho de difusão da Doutrina e ao trabalho de unificação do médium e orador Divaldo Pereira Franco,

com os extraordinários recursos de sua abençoada oratória, a excelência dos livros por ele recebidos mediunicamente, perto de 200 já publicados, e as ações doutrinárias e sociais do Centro Espírita Caminho da Redenção, por ele fundado em 1947. Foi dessa fase de inovações e mudanças no Movimento Espírita, entre nós, que se chegou à instalação da FEEB, em 1973. A fase do

**São outros
os tempos.
É outro o
Movimento.
É outra a
mentalidade**

início de Grandes Eventos Espíritas no Estado, as comemorações dos centenários do primeiro Centro Espírita do Brasil (1965) e do primeiro Jornal Espírita do Brasil (1969). A paisagem, nos seis primeiros anos da FEEB foi, em parte, de desdobramento dos acontecimentos e de reorganização administrativa da União Espírita Bahiana, transformada em Federação Espírita do Estado da Bahia, com bastante entusiasmo, esperança e determinação. Contam-se hoje perto de 500 Associações Espíritas no Estado, sediadas na Capital e em grande parte das cidades do interior. Podemos citar como exemplo Vitória da Conquista, realizando de 7 a 14 de setembro a sua 50ª Semana Espírita, considerada como o

maior e mais importante evento cultural da cidade, nos últimos anos, com intensa repercussão em toda a Bahia e a participação de espíritas de vários outros Estados do Brasil e até do Exterior.

P. – Como você avalia o desenvolvimento do Conselho Federativo Nacional desde o início de sua participação?

FB – Quando das reuniões do Conselho Federativo Nacional (CFN) ainda no Rio de Janeiro, participei de uma delas, presidida pelo Dr. Antônio Wantuil de Freitas. No período em que a freqüência das reuniões mudou de mensais para trimestrais e, depois, quadrimestrais, participei de todas. Com a transferência do CFN para Brasília, o funcionamento das Zonais, a criação e funcionamento das Comissões Regionais, tenho participado de quase todas as reuniões do CFN como representante da FEEB ou na qualidade de Secretário da Comissão Regional Nordeste. Tenho, portanto, o privilégio de haver acompanhado de perto as grandes mudanças por que tem passado o Conselho Federativo Nacional, hoje um órgão moderno, atual e atuante. O desenvolvimento do CFN é estupendo. Comparando um órgão nacional constituído na sua grande maioria por representantes das Federativas estaduais, residentes no Rio de Janeiro – era a situação de antes do Ciclo de Reuniões Zonais – com a última Reunião Ordinária do CFN, em novembro de 2002, quando participaram diretamente os Presidentes das Federações Espíritas dos 27 Estados, a diferença é imensa. São outros os tempos. É outro o Movimento. É outra a mentalidade, o conteúdo, o prepa-

ro das pessoas envolvidas, o nível de participação, a infra-estrutura das reuniões, tanto do CFN quanto das Comissões Regionais. Que dizer da convivência fraterna? Do clima entre pessoas amigas que se reencontram periodicamente para avaliar o que foi possível, durante a fase anterior e discutir e planejar o que fazer, as novas ações a serem implementadas, da intensa vibração espiritual nas Reuniões das Comissões Regionais que ocorreram nas quatro Regiões neste ano? Louvemos, entretanto, o passado, os que se esforçaram para construir a base. Louvemos as épocas: Wantuil de Freitas e a sementeira de luz com a disseminação do livro espírita por todo o Brasil, na sublime parceria dos Espíritos (a mensagem) com Francisco Cândido Xavier (o médium), Antônio Wantuil de Freitas (o administrador e editor) e a FEB (o apoio material); Armando de Assis e o início da descentralização da ação federativa e unificadora; Francisco Thiesen e a organização e o crescimento da FEB e do CFN; Juvânir Borges e a firme e crescente evolução do CFN, com cada uma de suas reuniões, às vezes surpreendente em termos de avanços: na organização, na condução, no conteúdo, na participação dos representantes das entidades integrantes.

P – Desde sua participação inicial na Comissão Regional Nordeste como avalia a evolução da mesma?

FB – Em outubro de 1986, acompanhei Nestor Masotti, então Diretor da FEB e Coordenador das Comissões Regionais, a duas reuniões preparatórias para instalação da Comissão Regional Nordeste: em Natal (RN), no dia 4 e, no dia 5, em João Pessoa (PB). Nos dias 21 e

22 do mês de março de 1987, participei da primeira Reunião Ordinária da Comissão, como Secretário, função que desempenho até os dias atuais. A Comissão vem alcançando os seus objetivos. De um único grupo inicial, reunindo apenas Presidentes e representantes das Federativas estaduais, foi ocorrendo, ano após ano, o desdobramento por áreas específicas de atividade dos Centros Espíritas, reunindo-se, cada uma delas, com agenda própria, os seus diretores nas Federativas estaduais da Região para troca de experiência, planejamento e avaliação, em conjunto, chegando-se, na Reunião Ordinária deste ano, em São Luís (MA), a sete reuniões concomitantes, durante dois dias de trabalho das seguintes áreas: dos Dirigentes (Presidentes e Assessores das Federativas), da Atividade Mediúnica, da Comunicação Social Espírita, do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, da Infância e Juventude, do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita e do Atendimento Espiritual no Centro Espírita. Além das Reuniões Ordinárias, em rodízio, nas Capitais dos Estados, vêm ocorrendo, no dia-a-dia, com maior frequência nos Encontros Regionais de áreas específicas, atividades interestaduais e a crescente amizade e comunicação mais fácil e mais frequente entre os dirigentes das Federativas e dos seus departamentos. Tem evoluído consideravelmente o número de participantes, acima de 100 pessoas nas últimas reuniões; a qualidade, o conteúdo, a organização, a infra-estrutura das reuniões, comunicação, a harmonia, o clima de amorosidade e a vibração espiritual reinantes, sobretudo no final das últimas reuniões. Podemos afir-

mar, pois, que a contribuição da Comissão Regional à evolução do Movimento Espírita na Região tem sido decisiva, refletindo-se na significativa melhoria da qualidade dos serviços oferecidos pelas Federativas e pelos Centros Espíritas envolvidos, numa constatação de que a unificação é possível! Espíritas com animadoras perspectivas para o futuro, demonstrando que a união e a unificação são possíveis! Dependem de nós, os espíritas.

P – O Movimento se desenvolve por toda a Região Nordeste?

FB – Já apresenta acentuado progresso, principalmente nos centros urbanos mais desenvolvidos. Tem aumentado o número de Centros Espíritas em cada Estado da Região. Já são cerca de 500 na Bahia. E muitos são os Centros com grande número de frequentadores. As Campanhas lançadas pela FEB vêm sendo trabalhadas com entusiasmo e bons resultados. A Campanha do ESDE é considerada importante também no processo de captação de novos trabalhadores.

P – Que ação considera prioritária para favorecer a difusão da Doutrina?

FB – A FEB manter o ritmo atual da divulgação do livro espírita, das Campanhas Permanentes, da descentralização da ação federativa e unificadora. E conquistar a mídia: jornal, rádio, informática e, principalmente, a televisão. O Movimento Espírita tem de contar, o quanto antes, com este excepcional meio de comunicação, para que a Doutrina Espírita possa, em tempo menor, beneficiar toda a sociedade, atingindo, assim, a plenitude dos seus objetivos. Vamos vibrar por uma futura rede espírita de televisão? ■

PRESENÇA DE CHICO XAVIER

O fenômeno do século XX – Francisco Cândido Xavier

Ney da Silva Pinheiro

“A história é feita de homens-tipo (...) ultrapassam as fronteiras do seu tempo e, como são a síntese do passado, são igualmente os arautos do futuro (...). (Do livro Hipnotismo e Mediunidade, O Homem e a sua missão, de César Lombroso, edição da Federação Espírita Brasileira.)

Escrever a respeito de Francisco Cândido Xavier, alinhavado com ternura e reconhecimento, é nosso propósito. Dizer algo a respeito desse vulto humano e de sua obra, erguida sobre um pedestal de solidariedade humana, de trabalho e de esforço beneditino, sem outra preocupação que não a de testemunhar-lhe, a exemplo de tantos outros, o nosso reconhecimento e a nossa admiração à beleza cristalina do exemplo de vida e das lições de imortalidade, que nos legou.

Perdoa-nos, querido Amigo, onde estiveres, se ferirmos a tua sensibilidade, falando das virtudes líricas, de correção e nobreza, de tua alma, percorrendo sobre as virtudes do teu coração, vaso de amenidades e de ternura, aberto sem distinção a

todos os que te batiam à porta, à procura de lenitivo para as crises de alma, sob a “didática severa da dor”, certo que, no Plano de Luz em que te encontras, não são ausentes do teu coração, principalmente, aqueles deserdados do mundo.

Todavia, “não tivéssemos uma língua tão pobre na gratidão”, procuraríamos, como mereces, sem ferir a tua sensibilidade, registrar, aqui, o testemunho que é possível, na linguagem do coração que todos entendem, perante os frutos imprecíveis de tua realização de alma e de coração, libertando as consciências do cárcere sombrio da ignorância espiritual, certo que tua vida apostolar foi uma bandeira desfraldada de exemplificação cristã e lúcido entendimento das contingências humanas.

No Universo tudo passa, tudo se esvai, tudo finda, na correnteza da vida, que se renova eterna; ficam, porém, e permanecem acima do tempo – mesclados com a eternidade – indestrutíveis exemplos como os da tua vida, de correção e doçura, de idealidade e tolerância, de modéstia e recato.

“Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons [no dizer de brilhante mestre da palavra e

do pensamento], bastava só isto para reputarmos um benefício celeste e cobrirmos de reconhecimento à generosidade Daquele que nô-la doou; – porém, quando ela nos prodigaliza dádivas como as do teu espírito, não é que lhe devemos duvidar da grandeza a que te acercas-te primeiro do que nós”, nas lides enobrecedoras de sublimadas realizações espirituais.

Não é possível dissociarmos o trabalho-missão de Francisco Cândido Xavier da obra redentora de Allan Kardec, certo que uma é o desdobramento da outra. É a revelação dentro da Revelação, com inquestionável fidelidade e coerência, “sem atraiçoar-lhe uma vírgula sequer”, ao longo de uma jornada de mais de setenta e quatro anos de testemunho inquebrantável, em sintonia com o seu emérito Colaborador Espiritual, Emmanuel, que, ao início de sua caminhada em face do mandato a desempenhar, como delegação do Alto, lhe adverte, num ato de lealdade e responsabilidade, que, se algo lhe viesse aconselhar que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, deveria permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.

É oportuno repetir, aqui, as palavras de um eminente pensador,

o que é uma verdade irrefragável: “Aquele que se adiante cem anos ou mais aos seus contemporâneos deverá esperar cem anos ou mais para ser compreendido.” Nesta contingência se colocam os autênticos desbravadores do futuro, e tu te colocas entre eles, pelos tesouros de ensinamentos que nos legaste, intermediando, com sublimada coerência, dos Planos de Luz.

A presença de Francisco Cândido Xavier, pelo influxo de valores espirituais que mobilizou, representa para o homem moderno, no quadro do seu horizonte evolutivo, um impulso decisivo no sentido de sua destinação espiritual.

Pedimos vênua ao eminente articulista, que abre as páginas de *Reformador*, para fazer nossas com referência a Francisco Cândido Xavier, pela grandeza do trabalho deste na Seara do Cristo, suas inspiradas palavras, usadas em outra oportunidade: “Ele não pertencia à poeira inumerável das gerações que a circulação eterna da vida traz e varre indistintamente no fluxo e refluxo dos tempos, mas a essa ordem de valores que a Providência Divina evoca entre os homens”, como impulso à sua evolução espiritual.

O seu vulto crescerá à medida que o tempo o afastar de nós, pelos caminhos da História. Como instrumento, porém, da Providência Divina, o calor do seu amor, os frutos imperecíveis de sua mediunidade com Jesus, o seu exemplo de fidelidade cristã, se irradiarão por sobre as incertezas de nossas vidas, iluminando os caminhos e derramando sobre os nossos corações o bálsamo das consolações supremas.

A exemplo, porém, dos legítimos colaboradores do progresso

humano, não foi, nem poderia ser exceção: provou fundo, ao longo das aflições da romagem, o cálice da amargura, da incompreensão e, como toda a alma verdadeiramente grande, a dor, o sacrifício sem conta “lhe não alterou a brandura da tempera e a serenidade da atitude”, dando na prática, e não apenas em afirmações verbalísticas, lições irrevogáveis e edificantes de “trabalho, solidariedade e tolerância”, que lhe resumem toda a plataforma de vida, assimilada do egrégio Codificador do Espiritismo.

Na ordem das coisas, atentemos, este ainda é um determinismo histórico, que só é superado pela tenacidade daquelas almas que trazem no íntimo o calor de um amor feito de renúncias e confiança na Providência Divina e na destinação humana, num superlativo esforço de doação incondicional.

A plethora do Movimento Espírita do Brasil, “com sua exuberância, com o seu viço, com sua seiva”, é um sinal irrefragável da predestinação de nossa Pátria para compartilhar da tarefa augusta de redenção planetária, destacando-se como significativo instrumento, para essa missão, o seu movimento editorial de livros espíritas. Essas publicações constituem uma vasta e fecunda literatura, que abrange largamente o domínio da religião, da filosofia, da ciência e da arte, cabendo aos livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, nesse contexto, a primazia, tanto pela substância doutrinária, quanto pela forma, escrita num vernáculo correto, abrangendo a mais de 400 volumes, com milhões de exemplares editados, fato impressionante na história do livro.

Como discípulo singular de Allan Kardec, abriu-nos, Francisco Cândido Xavier, através do Livro Espírita, as portas de ouro de um mundo melhor, descortinando amplos horizontes e nos franqueando as veredas do coração e da inteligência para comungarmos, em sua plenitude com a vida inteira. Daí porque o seu nome é flama, é garantia, é plataforma nos labores do Ideal Espírita.

Francisco Cândido Xavier, ao oferecer-nos as lições sublimadas, colhidas por suas mãos abençoadas nas fontes inexauríveis do Infinito, criou-nos condições para sentirmos invocação como essa que nos faz o aureolado Léon Denis, num livro de doçuras e de belezas inquestionáveis: – “Vamos, pois, pelo futuro além mais longe, para a vida que se renova eterna, pela vida imensa que nos abre um espiritualismo regenerado! Fé do passado, ciências, filosofias, religiões do presente e do porvir, iluminai-vos com uma chama nova; sacudi vossos velhos sudários e as cinzas que os cobrem; escutai as vozes evocativas e reveladoras do túmulo; elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do Além, que o homem tem necessidade de conhecer para melhor viver, melhor agir, melhor morrer.”

Os agitados na dúvida saberão sentir, na hora de sua maturação, a substância de consolação contida nessa Doutrina que nos irmana, e que, exemplarmente, Francisco Cândido Xavier não procrastinou a hora de servir, e que descortina ao nosso entendimento o amanhecer de um mundo melhor, equacionando o amor infinito, a misericórdia e a justiça divina, em termos de lógica

inquestionável e de razão inconfundível.

Depois que, numa obra impecável de clareza, lógica e rigor, com assentos profeticamente sublimes, Allan Kardec, sob a égide do Cristo, reuniu, para os que têm “olhos de ver e coração de sentir”, num corpo granítico de doutrina, os ensinamentos de vida eterna dos Mentores Espirituais da Humanidade – o caminho da libertação das contingências inferiores da vida acha-se aberto a todas as criaturas de boa vontade, nas luzes dessa obra imortal, suplementada, hoje, pelo trabalho apostolar da alma diamantina de Francisco Cândido Xavier, numa doação de labor infatigável, de renúncia, de humildade e de sabedoria.

Toda a vez que, sobre a face da Terra, sucede um acontecimento verdadeiramente excepcional, cujo evento signifique, por isso mesmo, uma mutação construtiva nos destinos da Humanidade, vejamos, com os olhos de ver, com os olhos da alma, nesse fato, a influência sagrada do Cristo-Jesus na organização de todos os surtos positivos da civilização planetária.

Cabe ao Espiritismo, verdadeiro “curso propedêutico para as grandes lições do porvir”, no dizer de Humberto de Campos, Espírito, paradigma inquestionável para todos os homens de boa vontade, a missão de lançar as coordenadas fundamentais aos rumos do pensamento diretivo da civilização, no que pese a obstinação da “ignorância da ciência do século” e pela incapacidade de conceber o que é divino, no dizer de Eugênio Nus, contemporâneo de Kardec. ■

Educação

O amor é a base do ensino.
Professor e aluno, cooperação mútua.

*

O auto-aprimoramento será sempre espontâneo.
Disciplina excessiva, caminho de violência.

*

A curiosidade construtiva ajuda o aprendizado.
Indagação ociosa, dúvida enfermiza.

*

Egoísmo na alma gera temor e insegurança.
Evangelho no coração, coragem na consciência.

*

Cada criatura é um mundo particular de trabalho e experiência.
Não existe vocação compulsória.

*

Toda aula deve nascer do sentimento.
Automatismo na instrução, gelo na idéia.

*

A educação real não recompensa nem castiga.
A lição inicial do instrutor envolve em si mesma a responsabilidade pessoal do aprendiz.

*

Os desvios da infância e da juventude refletem os desvios da maturidade.

Aproveitamento do estudante, eficiência do mestre.

*

Maternidade e paternidade são magistérios sublimes.
Lar, primeira escola; pais, primeiros professores; primeiro dia de vida, primeira aula do filho.

*

Pais e educadores! Se o lar deve entrosar-se com a escola, o culto do Evangelho em casa deve unir-se à matéria lecionada em classe, na iluminação da mente em trânsito para as esferas superiores da Vida.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo. *O Espírito da Verdade*, Autores Diversos. 12. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 16, p. 46 e 47.

Lavoisier e a fenomenologia espírita

Mauro Paiva Fonseca

Afarta literatura espírita existente nos dá conta dos fenômenos de materialização e desmaterialização, já amplamente comprovados e praticados pelos experimentadores da Ciência Espírita, como William Crookes, Albert de Rochas, César Lombroso e outros. Além disso, muitas são as pessoas que já assistiram a fenômenos dessa natureza, nem todas com a preocupação de analisá-lhes as consequências e origens.

Quando se desmaterializa um objeto ou um ser, o que é feito dele? O que acontece à sua natureza? Quando igualmente à vista de todos se materializa um objeto ou um ser, de onde ele procede? Qual a sua origem?

Uma vez que, segundo o princípio de Lavoisier, a destruição absoluta não existe, somos forçados a procurar o destino dos objetos ou seres desmaterializados. Se eles apenas se transformaram, para onde foram conduzidos? Certamente para uma situação que nos seja imperceptível; para um estado extrafísico!

Do mesmo modo, os objetos e seres que se materializaram no Plano Físico deverão ter vindo de

algum lugar! Se nos eram imperceptíveis e intangíveis antes de materializar-se, com certeza existiam antes de aparecer, uma vez que “nada se cria”! De onde vieram?

Se “nada se perde, nada se cria”, claro está que estes objetos ou seres apenas se “transformaram”! Fica assim demonstrado que existe um estado extrafísico de onde eles vêm, e para onde vão ao desmaterializar-se. Com este raciocínio, o princípio de Lavoisier nos leva à comprovação da existência do Mundo Espiritual!

Ao enunciar que “na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, o eminente sábio pensador não imaginava, naquela época, a extensão do princípio que enunciava, pois obviamente o enunciado se referia à Terra, com seu abrangente transformismo fenomênico. Com relação ao Universo, não se poderá aplicá-lo da mesma maneira, por isso que Deus cria incessantemente! Dentro dos limites do nosso orbe, porém, esta verdade maravilhosa nos ajuda a compreender a grandiosidade do Criador de todas as coisas à nossa volta, e o seu perpétuo transformar-se, cada vez para uma posição mais elevada e mais perfeita.

A ciência espírita nos faz entender que um mesmo objeto, ou ser, poderá transferir-se de um para

outro desses planos, sem perda de sua identidade real. Nos fenômenos de materialização e desmaterialização, não existe nem criação nem extinção do objeto ou ser submetido àquele processo, mas simplesmente uma transformação, uma transferência, quer em um sentido, quer em outro.

Deste modo, a ciência oficial, a despeito do grau de materialismo que conduz o raciocínio de grande parte dos seus prosélitos, encontrará neste princípio, endossado por ela mesma, os meios de comprovar, de maneira inequívoca, a existência dos Espíritos e do Mundo Espiritual, tantas vezes negada por seus expoentes.

A Doutrina Espírita é também ciência que, como as demais, para ser conhecida e compreendida há de ser estudada, meditada e experimentada. Quem deve instruir-se a respeito das coisas espirituais não deverá ler as obras básicas que compõem o penta-teuco da Doutrina Espírita como se lesse um romance para distrair-se.

Espiritismo é matéria da mais elevada seriedade, que não se coaduna com a leviandade, pois nos fala daquilo que é de maior importância para a criatura humana: o progresso do Espírito – a verdadeira finalidade da existência na Terra! ■

O amor que se divide multiplica a felicidade

Dalva Silva Souza

O pensamento centrado nas coisas materiais e em nós mesmos retrata a nossa personalidade egoísta e esse deve ser o principal foco do trabalho de reforma moral que precisamos empreender, tendo em vista a obtenção das metas de aprimoramento espiritual que nos trouxeram de novo à vida na Terra. Constata-se que o Espírito revela a sua tendência para as manifestações do egoísmo desde as primeiras fases de sua existência e, se não forem corrigidas, elas se evidenciarão em toda a sua vida terrestre.

Observamos que egoísmo faz parte do nosso processo cultural e de nossas vidas, está na família e na sociedade em geral, contaminando as relações humanas, por isso é tão difícil tomarmos consciência do que precisamos mudar. Estamos adaptados ao contexto a que fomos condicionados desde a infância. Em família, a nossa vontade confronta-se com a opinião, o desejo e os hábitos dos outros, criando conflitos. Gostamos de impor modelos e padrões àqueles que conosco convivem. Sofremos, mas não nos damos conta de que a única maneira de evitar o tormento é pacificar-nos intimamente, evitando o compor-

tamento inadequado inspirado pelo egoísmo. Muitas vezes, o que nos leva a agir mal é a vaidade pessoal, um dos frutos do egoísmo que ainda nos caracteriza e que se apresenta não só na vida familiar, mas também em nossas atividades na Casa Espírita, que é, na verdade, uma extensão da nossa família. Essa parece ser uma doença epidêmica a exigir tratamento urgente.

O desafio de criar uma cultura mais fraterna passa pela necessidade de desenvolvimento global das potencialidades intelecto-morais dos Espíritos que encarnam neste mundo de provas e expiações, mas observa-se, no mundo moderno, um sistema de discriminação, em que aqueles que não têm acesso ao processo educativo formal acabam excluídos das decisões de nível sócio-político. O modelo cultural voltado principalmente para a valorização do intelecto tem reforçado as tendências egoístas, estruturando personalidades em que preponderam o orgulho e o despotismo e que prezam o “poder”, o “ter” e o “querer” em conexão com a transitoriedade dos valores materiais. A idéia do “amor” como algo exterior ainda prevalece, e a maioria não entende o “porquê” de suas carências afetivas, cujas conseqüências são facilmente identificáveis: o consumismo, o excesso alimentar, a união com o objetivo precípua de satisfa-

ção sexual, entre outras. E, enquanto isso, extenso número de seres permanece à margem, sem conforto, sem oportunidade, à mercê das influências mais perniciosas.

A Doutrina Espírita nos mostra que somente o desenvolvimento do intelecto não basta para a educação global do Espírito e que o estímulo às potencialidades espirituais deve ser prioritário na tarefa de educação. E, se as tendências para as manifestações egoístas se revelam já na fase infantil, é fácil deduzir que, se elas não forem trabalhadas, não se poderá construir uma personalidade mais voltada à manifestação do amor. Parece-nos que entramos em um círculo vicioso difícil de quebrar, porque, para educar as crianças para o amor, os próprios educadores precisariam superar os obstáculos que se interpõem ao desenvolvimento da sua capacidade de amar. Somos, em geral, seres defensivos em relação ao amor e, quando alguém se aproxima de nós, querendo nos conhecer em essência, escondemo-nos atrás das máscaras culturais.

O amor é o alimento de nossas vidas. O encontro com o próximo, principalmente aqueles que são colocados como nossos filhos, deve fundamentar-se no princípio de que todos nós somos Espíritos reencarnados em processo evolutivo com a obrigação de trabalhar pelo de-

envolvimento de todas as virtudes que já existem em nós em estado potencial e estão sintetizadas no amor. Não devemos “amar” com idéia de “possuir”. A família é o nosso grande laboratório de testes, para aprimoramento da capacidade afetiva. É imperioso que saibamos dialogar, ouvir e compreender, enfim, fazer-nos presentes verdadeiramente no dia-a-dia da vida fa-

miliar. O adulto que se conscientiza de sua própria necessidade de aprender a amar apresenta à criança os recursos necessários à sua educação afetiva. Conscientização é a palavra-chave, portanto, para encontrar a solução do problema e quebrar o círculo vicioso em que nos encontramos. Reconheçamos, pois, com Emmanuel, que “conquanto bastas vezes sejamos recal-

citrantes na sustentação do amor egoístico, desvairado em exigências de toda espécie, a pouco e pouco acabamos por entender que apenas o amor que sabiamente se divide, em bênçãos de paz e alegria para com os outros, é capaz de multiplicar a verdadeira felicidade.”*

*XAVIER, Francisco C. *Vida e Sexo*, pelo Espírito Emmanuel, cap. 11, FEB.

Identidade dos Espíritos

Rildo G. Mouta

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns* (Ed. FEB), cap. XXIV, item 255, ensina-nos: “A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes emprestados que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.”

Mais adiante (item 267), o Codificador resume os meios de reconhecerem-se os Espíritos, com base no bom senso e na retidão de juízo. Afirma ele: “Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações (2º).” “Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade (9º).” “Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos, pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento (8º).” “Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se (10º).”

Um famoso pesquisador dos fenômenos espíritos ou psíquicos foi o francês Alfred Erny. Escreveu ele em seu livro *O Psiquismo Experimental*, cap. IX (Ed. FEB), sobre a “Identidade dos Espíritos”: “Eis uma das mais difíceis questões para todos os que es-

tudam os fenômenos psíquicos e as relações dos homens com os desencarnados.”

A respeito do mesmo assunto, eis o que escreveu o notável escritor, jornalista e publicista inglês William Thomas Stead, desencarnado em 1912, quando do naufrágio do transatlântico “Titanic”: “Falava com meu irmão sobre a comunicação dos Espíritos quando ele me pediu um fragmento de louça, partiu em dois pedaços, fez, a tinta, sinais num e noutro, e pediu-me que conservasse um deles; o outro iria escondê-lo esperando vir dizer onde ele estava, após o decesso.”

Tempos depois, o irmão de Stead desencarnou e, numa sessão de fenômenos psíquicos, informou que o outro pedaço se encontrava na gaveta de determinada escrivaninha. Aberta a mesma, lá estava o outro pedaço, que se adaptava perfeitamente à parte guardada pelo pesquisador.

Em seu livro *A Alma é Imortal* (Ed. FEB), Gabriel Delanne afirma, esclarecendo o assunto: “No estado atual dos nossos conhecimentos, cremos que a identidade de um Espírito se acha perfeitamente estabelecida quando ele se mostra a atuar, materializado, numa forma idêntica à que teve outrora o seu corpo físico. É o caso de Estela Livermore e de outros Espíritos.”

Em verdade, em verdade, o que nos falta é aprofundarmo-nos no conhecimento da Doutrina dos Espíritos, a Terceira Revelação de Deus aos homens, através de Jesus.

Surgimento do Homem na Terra

Umberto Ferreira

A Revista *Veja*¹ traz reportagem sobre o descobrimento, na Etiópia, do ancestral comum a todos os homens e que foi chamado de *Homo sapiens idaltu*. Segundo a reportagem, suas “características genéticas se perpetuam até hoje em nosso corpo”.

Seria apenas mais um fato científico, como tantos outros na área da Paleontologia. Entretanto, uma particularidade faz dele um acontecimento especial: os cálculos indicam que esse ancestral tenha vivido há cerca de 200 mil anos.

Segundo André Luiz², o “ser” (*princípio inteligente*) alcançou a “idade da razão” (*espírito*) – dando origem à civilização humana – há cerca de 200 mil anos.

A reportagem chama esse ancestral de “Adão africano”, o que leva ao entendimento de que seja ancestral único para a espécie humana. De acordo com a Doutrina Espírita³, a espécie humana não se originou de um único homem. Ela surgiu em diferentes pontos do Globo e em épocas diversas. Não nega que Adão tenha existido, mas esclarece que ele teria sido um homem que tivesse sobrevivido a um dos grandes cataclismos, que eram co-

muns em épocas recuadas. Adão pode ter sido o tronco de uma determinada raça que habitou a Terra.

André Luiz² ensina que “(...) o *princípio inteligente* gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse,

De acordo com o Espiritismo, o progresso intelectual antecede o progresso moral e contribui significativamente para o desenvolvimento deste

como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos” (grifo nosso). É um tempo extremamente longo despendido na condição de *princípio inteligente*, mas necessário para de-

seenvolver o raciocínio e atingir o estágio de *espírito*. Comparados com esse período, duzentos mil anos significam um intervalo de tempo bastante reduzido. Talvez isso explique por que os Espíritos que habitam a Terra ainda são tão pouco evoluídos, sobretudo no campo moral, quando comparados com os que habitam as categorias de mundos mais adiantados do que ela.

De acordo com o Espiritismo, o progresso intelectual antecede o progresso moral e contribui significativamente para o desenvolvimento deste. Sem dúvida, o progresso intelectual já conquistado pelo homem terreno é expressivo. Falta a ele investir mais na sua melhoria moral. Essa é a sua maior necessidade. Foi por isso que os Espíritos, ao ditarem a Doutrina Espírita, foram enfáticos nos ensinamentos morais, os quais, segundo eles, constituem a maior carência da Humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ *Veja*, edição nº 1.807, 18 de junho de 2003.

² XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz. 20. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, Primeira Parte, caps. III e VI.

³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, Parte 1ª, cap. III. ■

ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Vê como vives

“E chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: negociai até que eu venha.”
— *Jesus*. (Lucas, 19:13.)

Com a precisa madureza do raciocínio, compreenderá o homem que toda a sua existência é um grande conjunto de negócios espirituais e que a vida, em si, não passa de ato religioso permanente, com vistas aos deveres divinos que nos prendem a Deus.

Por enquanto, o mundo apenas exige testemunhos de fé das pessoas indicadas por detentoras de mandato essencialmente religioso.

Os católicos romanos rodeiam de exigências os sacerdotes, desvirtuando-lhes o apostolado. Os protestantes, na maioria, atribuem aos ministros evangélicos as obrigações mais completas do culto. Os espiritistas reclamam de doutrinadores e médiuns as supremas demonstrações de caridade e pureza, como se a luz e a verdade da Nova Revelação pudessem constituir exclusivo patrimônio de alguns cérebros falíveis.

Urge considerar, porém, que o testemunho cristão, no campo transitório da luta humana, é dever de todos os homens, indistintamente.

Cada criatura foi chamada pela Providência a determinado setor de trabalhos espirituais na Terra.

O comerciante está em negócios de suprimento e de fraternidade.

O administrador permanece em negócios de orientação, distribuição e responsabilidade.

O servidor foi trazido a negócios de obediência e edificação.

As mães e os pais terrestres foram convocados a negócios de renúncia, exemplificação e devotamento.

O carpinteiro está fabricando colunas para o templo vivo do lar.

O cientista vive fornecendo equações de progresso que melhorem o bem-estar do mundo.

O cozinheiro trabalha para alimentar o operário e o sábio.

Todos os homens vivem na Obra de Deus, valendo-se dela para alcançarem, um dia, a grandeza divina. Usufrutuários de patrimônios que pertencem ao Pai, encontram-se no campo das oportunidades presentes, negociando com os valores do Senhor.

Em razão desta verdade, meu amigo, vê o que fazes e não te esqueças de subordinar teus desejos a Deus, nos negócios que por algum tempo te forem confiados no mundo.

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Vinha de Luz*, pelo Espírito Emmanuel. 17. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 2, p. 15-16.

Intuições espíritas dos filósofos gregos

Paulo Roberto Viola

Basta um simples mergulho superficial nas águas da filosofia grega da Antiguidade para verificar que lá já prosperava a *intuição* a que alude a hoje conhecida Doutrina Espírita, que chegou tanto tempo depois.

Assim, por exemplo, em **Pitágoras** – que teria criado o vocábulo **filosofia**, cujo significado é *amor à sabedoria* – vamos encontrar, no século V antes de Cristo, os primeiros esboços intuitivos do *processo reencarnatório*. Do respeitado matemático, que acreditava serem os números o princípio e a chave do Universo, veio a teoria da concepção do sofrimento como resultado de *faltas pregressas*, com vistas à libertação, um dia, de toda a materialização. A alma seria o prenúncio do renascimento de um outro corpo, até que purificada pela prática de virtudes, ou, usando a expressão de **Platão** – que chegaria mais tarde – até que conseguisse viver plenamente conforme a Justiça.

É bem verdade que **Platão** veio para clarear um pouco mais essa teoria, ao distinguir três tipos de alma: as *inexpiáveis*, as dos pecados *expiáveis* e as que *viveram conforme a justiça*. A estas duas últimas, o fundador da Academia – a primeira Escola de Filosofia da Humanidade, que permaneceu irradiando estudos para o mundo durante quase um milênio – previu, como consequência, as *penas* ou o *prêmio*

merecido, que Jesus viria confirmar, mais tarde, ao prometer **a cada um segundo as suas obras**.

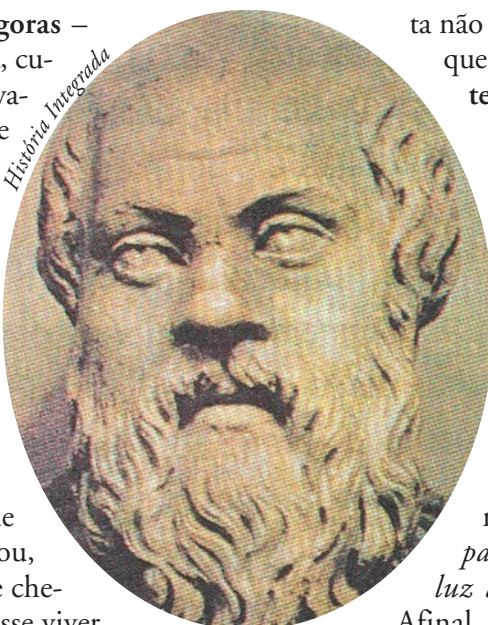
Curioso é que tamanha intuição brotaria justamente de iluminados como **Platão**, não obstante seu estranho politeísmo capaz de homenagear abertamente supostas *divindades visíveis*, que seriam os astros e o cosmo, embora associando esses deuses à *idéia do Bem*. Como os filósofos sempre estiveram liberados no campo das idéias para fazer passeios nos pomares frutuosos da metafísica, a conclusão politeísta não vem tanto ao caso, na medida em

que o discípulo mais ilustre de **Sócrates** chegaria a um importante resultado, que é a explicação racional do sofrimento humano, colocando a *idéia do Bem* no centro de sua manifestação religiosa, tal qual faria **Kardec** em sua consoladora Codificação.

Com efeito, **Platão** cumprira aquilo que seu mestre, **Sócrates**, concluíra com particular iluminação, a propósito da profissão de parteira que sua mãe exercia: *os filósofos, como as parteiras, só fazem ajudar a trazer à luz aquilo que já trazem por si sós*.

Afinal, não teria racionalidade imaginar um sofrimento sem causa determinada, sem

relação de causalidade, pouco importando, naqueles primórdios, sem a luz de Jesus, então ainda por vir, que essa conclusão tivesse partido de uma concepção *monoteísta* ou *politeísta* da divindade, na medida em que preconizava uma lei eterna e imutável de justiça, qual seja a da *causa e efeito*, a despeito do *livre-arbítrio* com que o Criador presenteou suas criaturas humanas, tudo exatamente como vi-



Sócrates

ria a corroborar a Doutrina Espírita, surgida na metade do século XIX.

O que vale notar é que, de **Pitágoras** a **Platão**, chegavam as primeiras luzes, que viriam a ser contestadas por **Aristóteles** em suas famosas *contemplações* – ele o discípulo mais ilustre de **Platão**, fundador de sua própria escola, o *Liceu* – responsável pela transformação do pensamento grego na concepção da **transcendência de Deus**: *quem procura as causas primeiras acaba chegando numa interrogação que só pode ser respondida com o reconhecimento de um Ser Divino, que é a causa de si mesmo*, uma definição, por assim dizer, intuitiva, que traz o mesmo conteúdo da definição espírita, de cunho racionalista, que viria tantos séculos depois. A Igreja a **Aristóteles** mais se inclinou, após reverenciar por muito tempo a *teoria das idéias* de **Platão**; a mesma Igreja que até o Concílio de Constantinopla debateu aberta e livremente o *processo reencarnatório*, considerado, a partir de então, por decreto papal, questão proibida de discussão.

O fato é que essa presença da intuição sobre os filósofos gregos, hoje chamada de espírita, poderia ser aprofundada em questões muito curiosas, como por exemplo, o famoso convite de **Sócrates** à pesquisa do *quem somos, de onde viemos e para onde vamos*, quando adotou a célebre máxima: “**Conhece-te a ti mesmo**” [inscrita no Templo de Delfos cerca de 800 a.C.] símbolo da idéia sofista. **Sócrates**, que não chegou a deixar uma obra escrita – mas que fora condenado à morte por envenenamento, julgado culpado por *subversão da juventude*, pelas idéias que suscitava, legou a seus seguidores conclusões com verdades espíritas de grande profundidade, como, por exemplo, a reflexão que esses seguidores desenvolviam sobre o pensamento de **Protágoras de Abdera**: *O homem é a medida de todas as coisas*. Não seriam *todas essas coisas* justamente o resultado de sua trajetória evolutiva através do *processo reencarnatório*, que dita o exato nível de consciência atual do ser?

Com efeito, as intuições espíritas sobre esses notáveis da sabedoria humana vieram para preparar as

teses evangélicas que seriam trazidas por Jesus e que vão resplandecer naquele que seria um dos gigantes do pensamento cristão universal: **Santo Agostinho**, convertido ao Cristianismo no século IV da nossa Era. Segundo ele, *a idéia de espírito envolve a de memória. Pela perversão da vontade o homem escolhe a privação do ser, pois o pecado resulta do livre-arbítrio*. A chamada *doutrina agostiniana da reminiscência*, através da qual as teses de **Platão** sofreram novas adaptações filosóficas, não seria exatamente a *recordação* inapagável que o Espírito traz em sua trajetória evolutiva, para expiar, ou gozar as delícias do *Reino dos Céus*, conforme o merecimento de cada um? Em suas famosas *Confissões*, contidas em 13 volumes, **Santo Agostinho** aproxima-se, com

rara luz, das concepções espíritas que viriam a ser codificadas por **Kardec**, utilizando-se, sempre que necessário, de linguagem pouco elucidativa: *o mal é uma perversão da vontade desviada da Substância Suprema – Deus*.

Nesse mesmo sentido da linguagem enigmática se manifestara Jesus, quando falava para um tempo em que não havia chegado a hora de a ignorância dissipar-se, conforme se pode, por exemplo, deduzir do testemunho do evangelista João (14:17-26): *o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e nem o conhece, mas vós conheceis porque habita convosco e estará em vós. Mas o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo que vos tenho dito*.

Em última análise, das presentes reflexões livres, uma conclusão se pode tirar, sem medo de errar. A Humanidade evolui captando, tal qual constataria o pesquisador francês **Charles Richet**, aqueles outros sentidos que não podem ser auferidos, nem por nossa inteligência, nem por nossos hoje modernos aparelhos de física, mas que são detectados perfeitamente por nossos sentidos, único canal que permite aos sábios e filósofos de todos os tempos assimilarem sinais de avanço em direção aos horizontes sem-fim por onde transita nosso aprendizado.



História Integrada

Platão

do, enquanto seres encarnados neste planeta de provas e expiações.

É justamente nesse referido canal sensitivo de recepção de novos conhecimentos que ocorre o fenômeno espírita da *intuição*, pois é através dessa via que os Espíritos desencarnados colaboram com a evolução da Humanidade, suscitando novos avanços.

Quando **Cliton**, discípulo de **Sócrates**, sugeriu a seu mestre que fugisse para livrar-se da condenação máxima, a resposta desse primeiro mártir da Filosofia foi categórica, e quem testemunhou esse fato, para contá-lo mais tarde ao mundo, foi, nada mais nada menos, que seu discípulo **Platão**: “*Daimon não concordaria com isso*”, respondeu **Sócrates**. **Daimon** – expressão que na Antiguidade designava Espíritos, em geral – era a própria fonte de inspiração do filósofo, a comprovar, em tão distante época da Humanidade, que somente prosperamos na evolução do conhecimento quando estamos em sintonia com as escolas superiores, de onde emanam as melhores descobertas e conquistas do saber humano.

Com o advento do Espiritismo chegaram, a seu tempo, as provas e evidências que brotavam da intuição de **Sócrates**, como por exemplo, quando dizia *que os que transitaram encarnados por este planeta, irão encontrar-se após a desencarnação e se identificarão plenamente*, a estabelecer a certeza de que a morte é mera metamorfose, sem qualquer interrupção da vida.

Sócrates, que ao lado de **Platão** veio, como dito, para preparar a Era Cristã, através do processo intuitivo de manifestação filosófica, teve, tal qual Jesus, pontos em comum na trajetória por este planeta. Ambos não deixaram qualquer legado escrito, mas formularam mensagens de sabedoria que o tempo não terá a ousadia de apagar e se tornaram conhecidos, pelos séculos, através do testemunho de seus discípulos. Foram condenados à morte como malfeitores e sofreram as piores consequências do farisaísmo, do preconceito religioso, da hipocrisia.

Lícito é, pois, concluir que **Sócrates** – a despeito da acusação que lhe pesa de *filósofo pagão* – e seu discípulo **Platão**, se não tiveram a antevisão exata do que estava por vir mais adiante, com a vinda do Salvador, teriam, pelo menos, pressentido, a despeito de suas luminosas conclusões, a chegada da *Era de Luz*, da qual foram os mais ilustres precursores. ■

Amor

O Amor, sublime impulso de Deus, é a energia que move os mundos:

Tudo cria, tudo transforma, tudo eleva.
Palpita em todas as criaturas.
Alimenta todas as ações.

*

O ódio é o Amor que se envenena.

A paixão é o Amor que se incendeia.

O egoísmo é o Amor que se concentra em si mesmo.

O ciúme é o Amor que se dilacera.

A revolta é o Amor que se transvia.

O orgulho é o Amor que enlouquece.

A discórdia é o Amor que divide.

A vaidade é o Amor que se ilude.

A avareza é o Amor que se encarcera.

O vício é o Amor que se embrutece.

A crueldade é o Amor que tiraniza.

O fanatismo é o Amor que se petrifica.

A fraternidade é o Amor que se expande.

A bondade é o Amor que se desenvolve.

O carinho é o Amor que se enflora.

A dedicação é o Amor que se estende.

O trabalho digno é o Amor que aprimora.

A experiência é o Amor que amadurece.

A renúncia é o Amor que se ilumina.

O sacrifício é o Amor que se santifica.

O Amor é o clima do Universo.

*

É a religião da vida, a base do estímulo e a força da Criação.

Ao seu influxo, as vidas se agrupam, sublimando-se para a imortalidade.

Nesse ou naquele recanto isolado, quando se lhe retire a influência, reina sempre o caos.

Com ele, tudo se aclara.

Longe dele, a sombra se coagula e prevalece.

Em suma, o bem é o Amor que se desdobra, em busca da Perfeição no Infinito, segundo os Propósitos Divinos; e o mal é, simplesmente, o Amor fora da Lei.

João de Brito

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Falando à Terra*, Diversos Espíritos. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 105-106.

A FEB E O ESPERANTO

O Esperanto divulgando o Espiritismo na Polônia

Neusa Priscotin Mendes

Foi editado há pouco tempo *O Livro dos Espíritos* em Polonês (...). O tradutor do mesmo, o jovem Przemyslaw Grzybowski, pedagogo de uma universidade em seu país (para dar uma idéia de como para nós não é familiar a língua polonesa, o nome do rapaz pronuncia-se Pjemisuav Gjibovsqui, lido no alfabeto Português). O moço, quando um jovem em torno de 15 anos, interessou-se pelo Espiritismo e escreveu para um esperantista brasileiro, que lhe enviou em Esperanto os livros *Kio estas Spiritismo*, *La Libro de la Spiritoj* (chamamos a atenção para a pronúncia: spiritoi) e *La kialo de la Vivo*, (*O que é o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos* e *O Porquê da Vida*, os dois primeiros de Kardec e o terceiro de Léon Denis). Foi o início de uma história que certamente não terá fim. Ele iniciou um grupo de estudos destes livros com outros esperantistas poloneses, fez contato estreito com outros brasileiros, ampliou o contato a co-idealistas da França, tendo visitado esse país e ali vivenciado experiências espíritas, estabelecendo relações com o Sr. Roger Perez, que dirige a USFF (Union Spirite Française et Francophone), com sede em Paris [Tours]. Compreen-

sivelmente, para ele foi muito mais fácil visitar a França do que o Brasil. Daí, visando ampliar a divulgação espírita na Polônia além dos círculos esperantistas, foi acertada a tradução de *O Livro dos Espíritos* para o Polonês (...), a partir do Francês, língua em que originalmente surgiu a obra, já que o nosso culto moço domina o Francês e também o Inglês. Muito acertada esta decisão, pois sempre que possível, uma obra deve ser traduzida de seu idioma original, as próprias edições esperantas foram traduzidas do Francês e não do Português, embora feitas por brasileiros. *O Livro dos Médiuns* já está igualmente traduzido pelo nosso co-idealista, aguardando edição, e já está em seus planos traduzir outra obra de Kardec.

Nosso jovem já editou em Polonês, com resumos em Francês e Esperanto, de criação própria, *Histórias Espíritas* (...) que conta a História do Espiritismo, principalmente na Polônia, e dá outras informações sobre a doutrina, que ele confessa ter escrito com ajuda de poloneses e de outros espíritas da França, Itália, Inglaterra e Brasil, obra essa cujo preparo durou cerca de 6 anos. Também faz programas de rádio na Polônia sobre o Espiritismo.

Tendo sido lhe perguntado “Você pode algo dizer sobre o papel das obras espíritas em Esperanto para seu conhecimento do Espiritismo?” ele respondeu: “É claro. Para mim elas representaram o papel principal, porque na Polônia não havia outras obras espíritas. Então, os livros espíritas em Esperanto foram para mim e para outros poloneses a única fonte de informação sobre este tema.” “Qual a sua opinião a respeito das versões em Esperanto?” “Ótimas. Eu não sou lingüista, mas as compreendo sempre muito bem, isso significa, que são bem feitas. Falando sério, eu as considero verdadeiramente boas.” “Elas de alguma maneira lhe auxiliaram, quando fez a tradução do Francês?” “É claro. Quando eu tive alguma dúvida sobre algumas expressões em Francês, eu consultei paralelamente a versão em Esperanto.”

Com alegria constatamos que, ratificando as previsões de diversos espíritos através de diversos médiuns, eis o Esperanto divulgando o Espiritismo em escala mundial.

Parabéns aos editores dos livros esperantistas assim como aos seus divulgadores através do planeta.

Fonte: *Jornal Verdade e Luz*, junho de 2003, p. 4, Ribeirão Preto-SP. ■

Perigos e receios

Washington Borges de Souza

Atualmente, encontramos em vários locais e ocasiões pessoas que manifestam perturbações de diversas naturezas. O medo da morte é muito comum e causa várias turbulências. As dores físicas e os padecimentos morais sempre ocasionam dissabores, mas o receio da morte decorre geralmente do desgosto de ser a pessoa obrigada a abandonar bens materiais e posições sociais privilegiadas ou, ainda, é devido ao apego demasiado à vida, na suposição de que tudo termina no túmulo.

O receio de dores e sofrimentos é natural pelos constrangimentos que são impostos ao corpo físico e ao Espírito a ele ligado. O instinto de preservar e proteger a vida leva-nos a evitar os riscos de dores, os perigos de danos ao corpo ou mesmo de sua extinção. Mas, na realidade, o que tememos é o fenómeno da morte, pelo enigma que representa.

O Espiritismo é, portanto, indispensável ao Espírito, encarnado ou desencarnado, pelos esclarecimentos que presta e pelas recomendações de comportamento moral capaz de evitar reparações penosas no caminho do progresso. A Doutrina Espírita ajuda a criatura a encontrar a senda da evolução, revela a vida fu-

tura, amplia a visão do Infinito, dá ao homem a noção da eternidade e lhe transmite consolação.

Deveríamos, antes de tudo, recear os perigos pertinentes à própria vida por causa das oportunidades que ela enseja para a prática de ações maléficas, com desprezo do bem, males que carregamos dentro de nós, difíceis de serem superados e extintos. Egoísmo e orgulho e muitas máculas deles derivadas são implacáveis inimigos que nos atrelam a resgates dolorosos.

São compreensíveis as cautelas para a preservação da vida contra as maldades e riscos de variados matizes. Violências, vícios, cobiça delirante etc., são conseqüências da ignorância e do materialismo insano e inconsciente que impõem às pessoas cuidados instintivos. Há muitos indivíduos sem fé que querem desfrutar, em todos os instantes da vida, de gozos e prazeres. Buscam bens e recursos, sem avaliarem os meios de conquistá-los e sem medir conseqüências. Infelizmente, essa é uma realidade sombria que deslustra grande parcela da Humanidade terrena.

A produção, o comércio e o consumo de drogas alucinatórias ativaram as perturbações sociais e aumentaram o número de distúrbios mentais que assustam e trazem desassossego ao seio das famílias e a toda a coletividade. A solução para essas e muitas outras questões graves somente pode ser encontrada na

educação das pessoas, em sentido amplo e profundo, que possa conduzi-las ao progresso moral.

As religiões se tornam, às vezes, incapazes na condução das pessoas para Deus e para a verdade. O exclusivismo e o partidarismo as enfraquecem.

O Consolador é bênção de Deus. Foi enviado aos homens para ajudá-los, clareando os caminhos do progresso. Ensina e comprova a existência de Deus e do Espírito e nos mostra que a morte nivela os corpos físicos para reintegrá-los à Natureza e libertar a alma imortal para renascer. A morte é apenas um episódio da própria vida do Espírito.

O princípio da reencarnação esclarece que medo, pânico, fobias, neuroses, psicoses etc., muitas vezes, são originárias de vidas passadas, quando ocorrências foram gravadas no perispírito e se manifestam em encarnações posteriores. Outras vezes, podem ser influência espiritual em processos obsessivos.

A descrença ou o desconhecimento da vida futura são entraves ao progresso moral das pessoas. Há aquelas que, do berço ao túmulo, vivem atadas a valores materiais, movidas pela ganância e ambição, esquecidas ou ignorantes das verdades essenciais.

Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, lembra-nos com sua notável sabedoria e seu admirável bom senso que Ciência e Religião não conseguem se entender porque

cada qual procura ver as coisas sob seus exclusivos pontos de vista. O Espiritismo une ambas e tem fundamento em filosofia própria para integrar a crença ao conhecimento com base na razão.

A Terra, embora tenha transposto os períodos peculiares dos mundos primitivos, conforme ensina a Doutrina Espírita, ainda não faz por merecer usufruir dos benefícios normais de um orbe de regeneração em razão de estarem muito arraigados no coração humano os

sentimentos deploráveis do egoísmo, do orgulho, de ódios e torpezas, além de outros, tudo causado pela ignorância e inobservância das leis divinas.

Depois que foram transmitidas as revelações divinas, os homens dispõem dos meios e recursos para a construção de um mundo melhor, onde possam viver em paz. Têm condições de entender que as guerras, contendas e conflitos resultam sempre em prejuízos para todos. Podem entender

que somos irmãos e, irmanados, buscarmos a felicidade.

O progresso intelectual realizado permite ao habitante terreno ter a certeza de que Deus existe, observar que as leis naturais são sábias e inteligentes, concluir que a alma não é uma abstração e está, como criação divina, predestinada a progredir sempre pelo exercício do bem e do amor ao próximo, a si mesma e a Deus, o Pai eterno, o Criador de todos nós e de tudo que existe. ■

Apresentação social

Passos Lirio

P. – *Qual deve ser a nossa apresentação social? É-nos lícito andar bem trajados ou haverá algum ensinamento doutrinário que nos aconselhe o contrário?*

R. – Cada um *anda* como pode. A vida em sociedade pede, por um lado, higiene e asseio; por outro, requer decência e compostura. Nenhum de nós é obrigado a *andar bonito*, mas devemos ter a compreensão de nos apresentar em condições de não causar má impressão, de não nos fazermos notados de maneira desagradável.

Em matéria de vestuário, enquanto o luxo será demasiado, o desmazelo nunca deixará de ser de menos.

Assim, não importa que nos apresentemos modestamente trajados, desde que estejam limpas as vestes e higienizado o nosso corpo.

Contudo, há na vida prática tarefas e atividades que, pela sua natureza, impõem o uso obrigatório de roupas padronizadas, tais como uniformes, jalecos, macacões, aventais e guarda-pós, independentes de outras vestimentas, bem como existem funções para cujo exercício seus ocupantes terão que observar maior apuro de apresentação.

Isto é coisa que todo mundo sabe e aceita.

A Doutrina Espírita não nos aconselha a que sejamos diferentes dos outros no vestuário, quer quando no desempenho de trabalhos espirituais, quer em qualquer outra circunstância. O que ela nos sugere, com toda propriedade e justiça, é que não queiramos pôr as mãos onde elas não alcançam, nem pretendamos alongar os pés além do lençol.

O desejo de melhoramento é uma coisa, a mania de exibição é outra, e completamente dife-

rente. O primeiro pode induzir-nos ao progresso, a um relativo bem-estar; a segunda levar-nos-á à insolvência, ao descrédito, à perda de reputação; atirar-nos-á no despenhadeiro dos decaídos e fracassados, onde vivem os representantes da *miséria engomada*.

Dizem que a aparência é tudo. Se ainda pusessem um *quase*, talvez haveria mais possibilidade de aceitação. Mas, assim com este caráter taxativo, não concordamos. Admitimos, sim, e isto sem sombras de dúvidas, que a boa aparência tenha seu valor e valha realmente em função do meio ambiente, à margem do qual ninguém pode viver.

Dizem que a aparência é tudo; e nós nos lembramos de que dizem, também, que *as aparências enganam* e que *nem tudo que brilha é ouro*. E é nisto que devemos pensar de preferência a quanto se insinua a respeito do assunto. ■

O corpo e o Espírito

Inaldo Lacerda Lima

Não se trata de um dualismo. Trata-se de um esclarecimento a nossos leitores, em geral, sobre o que é o corpo, o que é o Espírito, o porquê do corpo e sua função a serviço do Espírito. Claro que não temos a presunção de escrever para espíritas estudiosos, mas a conduzir a profundas reflexões aqueles de nossos leitores que não se familiarizaram ainda com a Ciência Espírita, mas já adquiriram o bom hábito de ler *Reformador*.

Já há bastante tempo que o homem alcançou condições para entender o *porquê* de, sendo ele Espírito, ser levado a aprisionar-se num corpo e nele habitar.

Houve uma época em que, por imaturidade evolutiva, esteve o homem planetário sem condição de compreender ou sequer cogitar a propósito de seu corpo e de si mesmo como Espírito, não obstante o aparecimento de alguns iluminados que conseguiram vislumbrar tal realidade, à feição de um Sócrates, de um Aristóteles... E ainda assim, há aqueles que até de Deus duvidam, mesmo depois de Ele ter-se revelado, há cerca de quatro milênios, através da mediunidade de Moisés, como Criador incriado do Universo. E não somente se revelar, mas muito mais ainda: dar conhecimen-

to de Sua *vontade, poder e determinações*.

O homem planetário, todavia, preso às algemas da dúvida, e negando a Ciência, ainda hoje, indaga se há outros mundos habitados além de nossa pequenina Terra a gravitar em torno de uma pequena estrela de 5ª grandeza, não obstante a ciência astronômica já tratar da existência de cerca de cem bilhões de galáxias no espaço universal (*Space Facts*, por Caroline Stott e Clint Twist, publicado por DK Publishing Book, Ltd., London, 1995, edição americana em nosso poder, página 12): "*There are about 100 billion galaxies in the universe; each contains more than 100 billion stars* (há cerca de 100 bilhões de galáxias no Universo; e cada uma delas contém mais ou menos 100 bilhões de estrelas).

Entretanto, muitas dessas criações continuam a considerar, com expressões vaidosas de *cientistas*, ser difícil que haja vida em outros pontos do Universo!... Deus, porém, continua a se manifestar à Humanidade através do mesmo princípio com que se manifestou a Moisés no longínquo passado: a *Mediunidade*.

Em 18 de abril de 1857, explorou nas livrarias de Paris a presença de um livro estranho, **mas vindo do mundo espiritual**, naquele instante com apenas 501 questões, cuja edição se esgotou rapidamente. Mas, em 1860, ressurgiu numa segunda edição com 1.019 questões, tratan-

do, filosoficamente, das revelações de Deus e da Verdade para todos os homens da Terra. Intitula-se essa obra *O Livro dos Espíritos*, porque da autoria deles, cumprindo a promessa que o Cristo fez de mandar aos homens outro *Consolador* (Evangelho segundo o evangelista João, capítulos 14, 15 e 16). Por ser de autoria dos Espíritos e não sua, o missionário da Terceira Revelação de Deus à Humanidade, assinou-lhe Allan Kardec (um pseudônimo), nome que ele tivera em uma de suas encarnações anteriores, na condição de sacerdote druida.

Com convicção afirmamos: tal obra não veio apenas para nós espíritas (que já nos conscientizamos ser Espíritos encarnados), veio para todos os seres humanos. Mas, os homens – como sempre rebeldes às verdades eternas – continuam descrentes das manifestações espirituais, a cogitar, entretanto, de coisas que não entendem, em nome da Ciência de que estão em verdade tão distanciados!... Desse modo, cogitam de descobertas cujos sentidos confundem, vaidosamente, como se fossem crianças a brincar irresponsavelmente com as manifestações da suprema Inteligência Universal.

Sequer refletem, por ignorância, a respeito dos milênios que Deus consome na criação do Espírito, fazendo-o percorrer séculos e séculos, como essência espiritual, dormindo na pedra, aprendendo a respirar na vida vegetal, e preparan-

do-se para a conquista da razão nos planos da irracionalidade, onde desenvolve o instinto, até o momento de cessar esse peregrinar multimilenar com o seu nascimento espiritual, tornando-se um ser à semelhança de Deus, *Espírito*, enfim!... Mas Deus o quer também à Sua imagem, isto é *perfeito*. E leva-o a evoluir, dotando-o de um *corpo*, que o possa individualizar como ser; de *razão*, com a qual desenvolve a inteligência; de *livre-arbítrio*, para que tenha a responsabilidade de seus atos, na busca da perfeição; e, finalmente, de *consciência*, para que possa discernir com segurança entre o bem e o mal.

Ah! Mas, afinal, que queremos com estas lucubrações? Quase nada! Apenas advertir: Homens do mundo, cuidado! Atentai na simbologia da Torre de Babel (*Gênesis*, 11:9). Atentai bem no juízo que fazeis de Deus, julgando-O tão mau quanto vós mesmos, que por ódio ou paixão vos destruíis uns aos outros em guerras de extermínio... Vós, que um dia, confundindo-vos, erguestes fogueiras colossais para incinerar corpos vivos, desrespeitando o 5º Mandamento da Lei! Lembrai-vos de Sócrates – o melhor dos homens, segundo Platão – obrigado a ingerir uma taça de cicuta!... Lembrai-vos de Jesus, o Cristo embaixador de Deus, crucificado no madeiro da infâmia para satisfação de sacerdotes infíeis!...

Chega, homens sonâmbulos do mundo! Despertai para a compreensão de que não existe nenhum outro Lúcifer, senão vós mesmos, ou todos nós, quando esquecemos a paternidade divina e, traindo a condição de irmãos, tripudiamos sobre a bandeira da Fraternidade!

Só há por enquanto um inferno, que é este nosso mundo, cujos demônios somos nós mesmos, quando dilapidamos os talentos divinos do Amor e da Paz. Mas nunca um inferno de penas eternas, pois Deus é Pai! E mesmo do inferno terreno nos retira pelas reencarnações sucessivas. Aí tendes, pois, em ordem: o Espírito, o corpo físico e a sua função.

Eis que uma certa experiência que alguém praticou, em nome da Ciência, utilizando-se de uma inocente ovelha, já parece colocar muitos de vós, ó homens pequeninos, na condição obstinada e ridícula de *desafiadores* da Divindade! Mais uma vez, cuidado! E quanto a nós outros, espíritas, tenhamos também, por nossa vez, muito cuidado, para não *surfarmos* nessas ondas violentas do oceano do materialismo!... Recordemos que nos foi colocada

nos ombros uma tarefa bastante séria e sobretudo importante: a de unir esforços na condição abençoada de *trabalhadores da última hora*, conforme nos assinala, em seu capítulo vigésimo, *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Eles não sabem, mas nós sabemos que estamos adentrando a fase mais séria do processo regenerador deste nosso planeta.

Que brinquem, que zombem, que *recalcitrem* na obstinação do mal: é o livre-arbítrio deles. Quanto a nós, mantenhamo-nos fiéis, como os discípulos de ontem, à missão do Cristo deste orbe, engajados no trabalho de sua regeneração, possivelmente ainda neste milênio, e atentos sempre à função do corpo (prisão carnal) e à função do Espírito, nele aprisionado, a fim de purificar-nos, para a gloriosa caminhada na direção de Deus, nosso Pai! ■

A Fraternidade

Paulo Nunes Batista

Pelos caminhos da Fraternidade
deve seguir a Humanidade, um dia,
se quer chegar ao reino da Harmonia,
onde governa a deusa da Verdade.

Até que chegue essa fraterna idade,
o mundo há de sofrer a tirania
da Cupidez – que leva à hipocrisia,
do Orgulho – que dá frutos de maldade.

Todo o sofrer humano tem por causa
o humano egoísmo. E a dor só terá pausa
ao sol do Amor, em cada coração...

Que luz não vem de um coração fraterno!
Pela Fraternidade – o humano inferno
pode mudar-se em céu de Redenção!...

A reencarnação e o medo da verdade

José Carlos Monteiro de Moura

“Porque somos de ontem e nada sabemos.” (Jó, 8:9.)

1. A reencarnação constitui, inegavelmente, o grande obstáculo para que os seguidores de certas ramificações do Cristianismo aceitem o Espiritismo, livre dos conceitos e preconceitos que alimentam contra ele. Até mesmo a comunicação com os “mortos”, que a própria Igreja já admite, não possui as características do tabu em que a transformaram.

Velhas e superadas idéias, ainda cultivadas, são a principal razão da sua sistemática e até agressiva rejeição. Todavia, é notório que todos os argumentos alinhados contra ela possuem como ponto comum o medo. Medo do retorno como animais, medo de voltar em posição social inferior, medo de uma mudança de sexo, medo dos aleijões e das doenças, enfim, toda espécie de medos, alimentados, principalmente, pela total falta de informação a respeito do assunto.

Sobre o retorno como animais (metempsicose), Kardec foi incisivo, ao dizer: *“Há, porém, entre a metempsicose indiana e a doutrina da reencarnação, tal qual nos é ensinada hoje, uma diferença capital: para começar, aquela admite a transfiguração da alma no corpo dos animais, o que seria uma degradação;*

em segundo lugar, essa transmigração não se opera senão na Terra. Ao contrário dizem-nos os Espíritos que a reencarnação é um progresso incessante, que o homem é uma criação à parte, cuja alma nada tem de comum com o princípio vital dos animais; que as diversas existências podem realizar-se tanto na Terra quanto, por uma lei de progresso, num mundo de ordem superior. E isto, como diz Pitágoras, até que se realize o tempo de sua purificação.” (Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, Edições “O Pensamento”, São Paulo, s/d, p. 31.)

Os outros temores podem ser afastados ou, quando nada, minimizados, através de um melhor conhecimento da Doutrina dos Espíritos, mesmo que tal conhecimento se deva apenas a um sentimento de curiosidade, porquanto o Espiritismo não se preocupa em fazer proselitismo.

As mudanças, variações e alternativas sociais, sexuais, físicas, psíquicas etc., são indispensáveis à evolução individual e coletiva, seja como expiação, seja como prova. Nos termos dos ensinamentos dos Espíritos Superiores e em total harmonia com os postulados cristãos – sintetizados no Sermão do Monte – constituem a consequência inextrável da lei de causa e efeito. A

Humanidade, de um modo geral, não sente dificuldades em aceitá-la quando se refere aos fenômenos do plano material, mas resiste em admiti-la no âmbito espiritual, circunstância que tem servido de impasse a uma melhor compreensão do mecanismo operacional da Justiça Divina, da qual a reencarnação é o principal instrumento.

O conhecimento dessas verdades ainda é, pelo menos no mundo ocidental, muito diminuto. A reencarnação continua sendo vista como uma verdadeira e temível catástrofe, sobretudo quando orgulho e vaidade estão em jogo. Detentores de cargos eletivos, membros dos Poderes do Estado, executivos de prestígio, profissionais liberais que se notabilizaram, personalidades do mundo artístico e esportivo, respeitados e consagrados pela sociedade que os “endeusa” na sua busca desmedida por toda espécie de ídolos, relutam diante da possibilidade de retornarem à carne em condições de subalternidade ou de total desconhecimento e esquecimento do público que hoje os aplaude.

2. O argumento mais utilizado contra a reencarnação é a afirmativa de Paulo (Hebreus, 9:27-28): *“E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez*

para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.” Nela se agarram, como tábua de salvação, os que a negam e temem, atribuindo-lhe características de verdadeiro e irrefutável dogma.

Os que pensam e agem dessa forma incidem em gravíssimos e grosseiros erros de interpretação. O primeiro resulta do fato de colocarem a palavra de Paulo acima da do próprio Jesus. Existem, no Evangelho, inúmeras passagens em que a pluralidade de existências é afirmada categoricamente.

A identidade entre os Espíritos João Batista e Elias é de uma clareza inconfundível: *“E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.”* (Mateus, 17:10-13). Ainda: *“E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.”* (Mateus, 11:12-14.)

A narrativa de Lucas (1:13-17), sobre o nascimento de João não permite, também, qualquer dúvida: *“Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome*

de João. E terá prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento. Porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá diante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.”

Quando da indagação feita por Jesus aos discípulos sobre o que a multidão pensava a respeito de sua identidade, a resposta, tanto em Mateus (16:14) como em Lucas (9:19), revela a naturalidade com que a reencarnação era aceita pelo povo, que o considerava como a ressurreição (reencarnação) de João Batista, de Elias, de Jeremias ou de um dos profetas.

Na cura do cego de nascença, a pergunta feita pelos discípulos a respeito da causa do mal é um reflexo da crença existente em todo o Oriente Médio àquela época, segundo a qual, se alguém nascesse com alguma moléstia física ou mental, era em razão de algum pecado que ela ou seus pais haviam cometido em vida anterior: *“Caminhando, Jesus viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais para que nascesse cego? Respondeu Jesus: nem ele pecou, nem seus pais, mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.”* (João, 9:1-3.)

Do episódio, podem ser retiradas as seguintes conclusões:

Primeira: A certeza de que os discípulos aceitavam a reencarna-

ção, fato que Ele, Jesus, conhecia por saber até os pensamentos mais íntimos deles.

Segunda: Jesus não negou nem corrigiu esse modo de pensar. Apenas lhes disse que se tratava de um caso especial, cuja causa não se reportava a nenhum fato do passado.

Terceira: Seu objetivo principal, ao efetuar a cura, era eminentemente pedagógico, e tinha como finalidade a manifestação da obra de Deus, sobretudo para os eternos descrentes. É o que ele mesmo afirma: *“Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem sejam cegos.”* (João, 9:39.)

Finalmente, embora os exemplos não se esgotem aqui, convém lembrar o conhecido diálogo de Jesus com Nicodemos, ou mais precisamente a sua resposta ao Doutor da Lei. A Igreja entende o episódio a seu modo, considerando-o a prova mais evidente da necessidade do batismo, na forma como ela o ministra. Em virtude das limitações naturais do trabalho, a opinião de Sérgio Fernandes Aleixo (*Reencarnação, Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*, Publicações Lachâtre, Niterói, RJ, 1999, p. 52) resume tudo o que se poderia dizer: *“Se o assunto em pauta fosse o batismo litúrgico, Jesus não responderia à perplexidade de Nicodemos dizendo: ‘Tu és mestre em Israel e não compreendes estas cousas?’* (Jo, 3:10). *Realmente, um doutor da lei não ignoraria uma prática milenar como a do batismo. A pergunta do Cristo, entretanto, justifica-se plenamente no que respeita à lei da reencarnação, que era conhecida e admitida pelos fariseus, conforme assegura — e já o vimos — o historiador Flávio Josefo.”*



É incontestável, portanto, que, por maior respeito e admiração que Paulo e sua obra mereçam, não se pode admitir que a sua palavra se sobreponha à de Jesus, como pretendem os adversários da reencarnação.

3. O segundo erro decorre do entendimento da expressão “*aos homens está ordenado morrerem uma só vez*”. Há que se notar que Paulo usa o verbo *morrer* e não o verbo *nascer* e, como lembra José Reis Chaves (*A Face Oculta das Religiões*, Editora Martin Claret Ltda., São Paulo, 2000. p. 145 e ss.), homem nenhum morre mais de uma vez. Ocorrida a morte, ela é definitiva e irrevogável, de acordo com a insuperável expressão do caipira mineiro: “*Fulano se defuntou-se e se finou-se.*”

O autor em referência, ao explicar o verdadeiro sentido do texto pauliano, afirma: “*Assim ele faz uma comparação da morte de Jesus, uma vez só, com a morte dos outros homens que também acontece uma vez só. Usando de uma linguagem popular, diríamos que nós morremos uma vez só, porque ‘morremos bem morridos’, como Jesus também morreu uma vez só ‘bem morrido’. Dizendo com outras palavras: Jesus não morreu mais ou menos, mas morreu de uma vez por todas, como os homens também morrem de uma vez só por todas. Isso não tem nada contra a reencarnação. E São Paulo nem pensava em reencarnação, quando escreveu esse texto. São Paulo não disse que os homens vivem uma vez só. Se ele tivesse dito isso, aí sim, ele teria deixado alguma dúvida contra a reencarnação, mas não foi isso que ele falou.*”

Ademais, é importante observar, apenas a título de argumenta-

ção, que o texto em questão – dentro do critério adotado pelos que dele se servem para negar a reencarnação – permite a absurda conclusão de que Jesus, por ocasião de sua vinda à Terra, estava, a exemplo dos demais homens, manchado pelo pecado, pois “*aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação*”. (O destaque é nosso.)

4. Diante do exposto, ressumbra a certeza de que o “temor reencarnatório” é o reflexo daquilo que o homem carrega no recôndito de seu ser. Ainda ecoam em sua consciência os erros do passado, que o comodismo do presente não lhe permite reparar. Pressente, no entanto, que, fatalmente, independente de sua crença ou de sua descrença, terá que passar, ou que repassar,

por experiências muitas vezes dolorosas, na sua longa jornada evolutiva. Daí a razão por que insiste em negar a reencarnação, como se esse expediente o pudesse libertar das situações que advirão como resultado ou efeito da lei da causalidade. Todavia, poderá afastar ou minimizar tais conseqüências, desde que se empenhe em libertar-se das suas imperfeições. É o que Kardec consigna expressamente no item 33º, número 3, do “Código Penal da Vida Futura”: “*Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.*”

A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra: – tal é a lei da Justiça Divina.” (O Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. VII.) ■

Desencarnação

...E desperto, extasiado, entre a praia e a montanha...
Porque mais claro o céu, porque mais verde o mar?
O mundo em derredor é um castelo a brilhar,
Entre ogivas de prata a lua se emaranha...

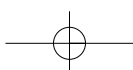
Cantam vagas na areia uma balada estranha,
Guardo, alerta e feliz, o dom de reencontrar
O berço, a meninice, a voz do antigo lar,
A poesia do amor que me inspira e acompanha!...

Insone, torno ao quarto, e vejo-me deposto,
Rígido o corpo inerte, a palidez no rosto...
Será isto, Senhor, o pesar de morrer?!...

Vida, que me trouxeste à morte malsofrida,
Morte, que restituís meu coração à vida,
Quero partir, mudar, renovar, esquecer!...

Olegário Mariano

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Poetas Redivivos*, Diversos Espíritos. 3. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 7, p. 21.



PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Os milhões do Sr. Allan Kardec

Fomos informados de que numa grande cidade comercial, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe laboriosa, um sacerdote tornou-se propagandista de certo falatório, que almas caridosas se apressaram em espalhar pelas ruas e certamente amplificar. Conforme tal intriga, somos milionário; em nossa casa tudo brilha e só pisamos os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carruagem de quatro cavalos e levamos em Paris uma vida principesca. Toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, desde que nos ocupamos do Espiritismo e remuneramos generosamente os nossos agentes na província. Vendemos caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais ainda ganhamos uma comissão, o que não nos impede de os vender a preços exorbitantes, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos envia tais detalhes:

“Meu caro senhor, ri muito dos milhões com que me gratifica tão generosamente o Abade V..., principalmente porque estava longe de suspeitar dessa boa sorte. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes da recepção de vossa carta, aqui publicado, infelizmente vem

reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. Aliás, não é a única inexatidão desse relato fantástico; antes de tudo, jamais morei em Lyon¹ e, pois, não vejo como lá me tivessem conhecido pobre; quanto a minha carruagem de quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos sendeiros de um fiacre que tomo apenas cinco ou seis vezes ao ano, por economia. É verdade que antes das estradas de ferro fiz algumas viagens em diligências; sem dúvida fizeram confusão. Mas convém não esquecer que nessa época ainda não se cogitava de Espiritismo e, segundo o abade, é ao Espiritismo que devo a minha imensa fortuna. Onde, então, pescaram tudo isto, senão no arsenal da calúnia? Seria tanto mais verossímil se se pensasse na natureza da população em cujo meio apregoam tais rumores. É de convir que faltam boas razões para se deixarem reduzir a tão ridículos expedientes, a fim de desacreditar o Espiritismo. O sr. abade não vê que vai diretamente contra o seu objetivo, porque, dizer que o Espiritismo me enriqueceu a tal ponto é confessar que está imensamente espalhado. Se, pois, se espalhou tanto, é

que agrada. Assim, aquilo que ele queria lançar contra o homem, volta-se em benefício da doutrina. Depois disto fazei alguém acreditar que uma doutrina, que em alguns anos dá milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma idéia oca! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, pois não há exemplo de uma teoria filosófica que jamais tenha sido fonte de riqueza. Geralmente, como sucede com as invenções, come-se o pouco que se tem; seria este, mais ou menos, o meu caso, se se soubesse tudo quanto me custa a obra a que me dediquei e à qual sacrifico meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde. Contudo, tenho por princípio guardar para mim aquilo que faço e não gritar dos telhados. Para ser imparcial, o sr. abade deveria ter feito um paralelo das quantias que as comunidades e os conventos usurpam dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência pelo bem que faz, pelo número de aflitos que consola, e não pelo dinheiro que produz.

Se levamos uma vida principesca, deveríamos dispor, naturalmente, de uma mesa requintada. Que diria, pois, o sr. abade se visse minhas mais suntuosas refeições, nas quais recebo os amigos? Achá-las-ia muito frugais, ao lado das sóbrias refeições de certos dignitários da Igreja, que talvez as recusassem até mesmo nas mais austeras quaresmas. Dir-lhe-ei, então, já que ele ignora, e para lhe poupar o tra-

¹ N. do T.: Em 1815 Allan Kardec deixou Lyon, onde nasceu, e foi estudar em Yverdon, Suíça, no famoso Instituto de Educação de Pestalozzi, ali permanecendo até 1822. Transferiu-se para Paris nesse mesmo ano, vivendo na capital francesa até 31 de março de 1869, data de sua desencarnação.



balho das comparações, que o Espiritismo não é e nem pode ser um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que pudesse ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a contentar-se com o necessário e a não procurar as alegrias do supérfluo, que não são o caminho do céu; que se todos os homens fossem espíritos, não teriam inveja, nem ciúmes, nem se espoliariam uns aos outros; não maldiriam o próximo nem o caluniariam, porque ele ensina essa máxima do Cristo: *Não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizessem*. É para pô-la em prática que não escrevo todas as letras do nome do Sr. Abade V...

Ensina ainda o Espiritismo que a fortuna é um depósito de que devemos prestar contas e que o rico será julgado conforme o emprego que dela tiver feito. Se eu possuísse a que me atribuem e, sobretudo, se a devesse ao Espiritismo, eu seria perjuro aos meus princípios de a empregar na satisfação do orgulho e na posse de prazeres mundanos, em lugar de a fazer servir à causa cuja defesa abracei.

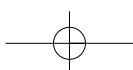
Mas – perguntarão – e as vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; isto é entrar no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir. Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e de privações; nada devo a quem quer que seja, enquanto muitos me devem, sem o que teria mais do dobro do que me resta; assim, ao invés de subir, desci na escala da fortuna. Não tenho, pois, de dar satisfação de meus negócios a ninguém; que isso fique bastante claro. Entretanto, para

contentar um pouco os curiosos, que não se deveriam intrometer com o que não lhes diz respeito, direi que se tivesse vendido meus manuscritos apenas teria usado do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum; alguns até doe, pura e simplesmente, no interesse da causa, e que são vendidos à vontade, sem que me venha um centavo. Manuscritos são vendidos caro quando se referem a obras conhecidas, de lucro previamente garantido, mas em parte alguma se encontram editores tão complacentes que paguem a peso de ouro obras cujo lucro é hipotético, quando nem mesmo querem correr o risco da impressão. Ora, a esse respeito, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances vinculados a determinados nomes. Para dar uma idéia de meus imensos lucros, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que empreendi por minha conta e risco, mesmo não tendo editor que dela quisesse encarregar-se, rendeu-me cerca de quinhentos francos, já descontadas as despesas e depois de esgotados todos os exemplares, vendidos e doados, como posso provar documentalmente. Não sei que tipo de carruagem se poderia comprar com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, para assumir pessoalmente os gastos de todas as minhas publicações e, sobretudo, de me ocupar com a sua comercialização, cedi por algum tempo o direito de publicação, mediante um direito do autor, calculado a tantos centavos por exemplar vendido; assim, desconheço inteiramente os detalhes da venda e das

transações que os intermediários possam fazer com as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, transações de cuja responsabilidade eu declino, estando obrigado, no que me concerne, a prestar contas aos editores, mediante um valor estipulado, de todos os livros retirados, vendidos ou considerados perdidos.

Quanto ao lucro que pode advir da venda de minhas obras, não tenho que dar explicações de seu montante, nem de seu emprego. Por certo, cabe-me o direito de o utilizar como bem me aprouver; entretanto, não sabem se tal produto tem uma destinação determinada, da qual não pode ser desviado; é o que saberão mais tarde. Porque, se um dia alguém tivesse a fantasia de escrever a minha história com dados semelhantes aos relatados acima, os fatos deveriam ser repostos em sua integridade. Por isso deixarei memórias circunstanciadas sobre todas as minhas relações e todos os meus negócios, sobretudo no que respeita ao Espiritismo, a fim de poupar aos cronistas futuros os equívocos em que muitas vezes caem, por terem confiado nos boatos dos doidivanas, das más línguas e das pessoas interessadas em deturpar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à vontade, para que mais tarde se torne mais evidente a sua má-fé.

Pessoalmente eu me inquietaria muito pouco se meu nome não estivesse, de agora em diante, ligado intimamente à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente possuo a respeito os mais numerosos e autênticos documentos que existem; pude acompanhar a doutrina em todo o seu de-



envolvimento, observar-lhe todas as peripécias, como prever-lhe as conseqüências. Para todo homem que estuda esse movimento, torna-se evidente que o Espiritismo marcará uma das fases da humanidade. É, pois, necessário que, mais tarde, se saiba quais as vicissitudes que teve de atravessar, os obstáculos que encontrou, os inimigos que procuraram travar-lhe a marcha, as armas de que se serviram para o combater. Não menos importante é saber por que meios pôde triunfar; quais as pessoas que, por seu zelo, devotamento e abnegação, terão contribuído eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e atos

merecerão ser assinalados para o reconhecimento da posteridade, e que tomo como dever inscrever nas minhas fichas. Compreende-se que essa história não pode aparecer tão cedo; o Espiritismo apenas acaba de nascer e as fases mais interessantes de seu estabelecimento ainda não foram concluídas. Aliás, poderá acontecer que, entre os Saulos do Espiritismo de hoje, mais tarde surjam São Paulos; esperemos não ter que registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões sugeridas pelos estranhos rumores que me chegaram. Se os refutei, não foi pelos espíritas de vossa cidade, que me conhecem muito

bem e que teriam podido julgar-me quando os visitei, se em mim houvessem percebido gostos e atitudes de um grão-senhor. Faço-o em atenção aos que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o Sr. Abade V... não tem em vista senão dizer a verdade, estou pronto a lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias ao seu esclarecimento.

Todo vosso,

Allan Kardec."

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – junho de 1862. (Tradução de Evandro Noleto Bezerra.) ■

Parque Gráfico da FEB – 55 anos



Realizou-se na sexta-feira, dia 19 de setembro, um encontro informal no refeitório do 2º andar do Parque Gráfico da FEB (Rua Souza Valente, 17 – São Cristóvão), para comemorar os 55 anos das oficinas gráficas. Participaram do evento diretores, funcionários e colaboradores. Vê-se, na foto acima, o Vice-Presidente Sady Guilherme Schmidt no momento em que dirigia a palavra aos presentes.

Canto cidadão*

Orson Peter Carrara

A definição de dicionário da palavra *cidadão* é: o que habita uma cidade ou indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Já *cidadania* é a qualidade do cidadão, ou seu modo de ser, aptidão, disposição moral. A sociedade brasileira, composta de cidadãos, por sua vez, divide-se em *Primeiro, Segundo e Terceiro Setor*. O *primeiro* é o governo e seus órgãos administrativos e operacionais que têm o dever de cuidar da sociedade; o *segundo* é o setor privado, constituído das empresas que fomentam a economia, oferecem empregos e em consequência desenvolvem a coletividade, mesmo com objetivos de lucratividade. Já o *terceiro* setor é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, cujos principais personagens são as fundações¹, as empresas com responsabilidade social², as pessoas físicas propria-

mente ditas³ e as entidades beneficentes⁴.

É nesta parcela da sociedade, a do *terceiro* setor, que surge a figura do voluntário, que é o cidadão que doa seu tempo, seu trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário. É uma forma de participar positiva e ativamente na sociedade, oferecendo seu tempo e disponibilidade para ajudar os outros, ou simplesmente reforçar a defesa de causas nobres. E como as instituições espíritas estão envolvidas no socorro às dificuldades humanas, o trabalho voluntário aí está bastante presente e estimulado, embora que não exclusivamente, pois que há ações nobres em toda parte.

A evolução do trabalho voluntário no Brasil iniciou-se em 1543 com a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Santos, no Estado de São Paulo, que depois se espalhou pelo País. Outras ações vieram na sequência: a) surgimento do Co-

mitê Internacional da Cruz Vermelha, em 1863 e 1908; b) promulgação da Lei 91, de 28/1/1935, determinando as regras pelas quais são as sociedades declaradas de utilidade pública; c) a criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1942; d) o surgimento das Associações dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs); e) a criação do Projeto Rondon, em 1967; f) a criação da Pastoral da Criança, em 1983; g) o surgimento da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, pelo sociólogo Herbert de Souza (Betinho), objetivando o combate à fome, entre outras iniciativas. O fato marcante, entretanto, foi a declaração, pela ONU, em 2001, do *Ano Internacional do Voluntariado*.

A atividade voluntária é a 8ª no *ranking* das maiores economias do mundo; o setor filantrópico apresentou crescimento de 44,38% entre os anos de 1991 e 1995; o número de voluntários no Brasil já chega a 20 milhões e 81% da mão-de-obra ligada ao terceiro setor distribui-se em cinco áreas de atividades: educação, saúde, cultura, recreação e assistência social.

Essas considerações todas envolvem a questão da captação de recursos, sensibilização da sociedade, motivação e conquista do voluntário, transparência na aplicação dos recursos e a reflexão em torno dos inúmeros exemplos existentes no País, inspirados sem dúvida no

* Nota do autor: o título desta matéria foi inspirado em programa com o mesmo nome apresentado pela Rede Boa Nova de Rádio, aos sábados às 11 horas da manhã. Sugerimos visitar o site www.cantocidadao.com.br.

¹ Instituições que financiam o terceiro setor com doações às entidades beneficentes.

² Comprometidas, por exemplo, com as questões ambientais, e estimuladoras de funcionários responsáveis com as graves questões nacionais.

³ Pessoas da coletividade; a classe média, no Brasil, doa em média R\$23,00 para iniciativas de apoio à promoção humana.

⁴ São as que cuidam de idosos, carentes, meninos de rua, drogados, alcoólatras, órfãos, mães solteiras, preservam o meio ambiente, educam e profissionalizam jovens, alfabetizam adultos, fazem campanhas de doação de sangue, distribuem merendas, livros, sopão, distribuem-se pelos conhecidos plantões dos chamados CVV, etc.

princípio da solidariedade, fundamento do Evangelho de Jesus, que em última análise é construtor da cidadania que leva à espiritualidade e à paz, almejado estado de equilíbrio para a Humanidade.

O capítulo XI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*⁵, intitulado pelo Codificador Allan Kardec como *Amar o próximo como a si mesmo*, em suas 14 páginas, exalta o amor (a Deus, ao próximo como a si mesmo) como o maior mandamento deixado por Jesus, mas é na mensagem assinada por Lázaro⁶ com o título *A lei de amor*, em Paris, 1862, (item 8), que encontramos os seguintes trechos: “O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira (...). A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; *extingue as misérias sociais*”⁷. Ora, este *aniquilar* das misérias sociais é exatamente o sentido das questões 886 a 891 de *O Livro dos Espíritos* e que deve encaminhar, através da evolução, todos os Espíritos para o teor da resposta à questão 980 da mesma obra. Teor que indica a finalidade de viver e os objetivos da vida humana.

Mas é na *Revista Espírita* de março de 1867⁸ que Kardec colocou mensagem assinada por *Um Espírito* com o título *A Solidariedade*. Referida mensagem é síntese de tudo o que escrevemos até estas linhas e bem coloca o sentido da cidadania (ou este envolvimento em

favor da coletividade). A mensagem foi recebida em Paris no dia 26 de novembro de 1866, pela médium Sra. Sabb..., de cujo conteúdo extraímos: “(...) Não estais sobre a Terra para nela viver à moda dos animais, para nela vegetar (...). O homem não é um ser isolado, é um ser coletivo. **O homem é solidário do homem**”⁷. É em vão que procura o complemento do seu ser, quer dizer, a felicidade em si mesmo ou naquilo que o cerca isoladamente; ele não pode encontrá-la senão no HO-MEM ou na Humanidade. Não fazeis, pois, nada para ser pessoalmente felizes, enquanto a infelicidade de um membro da Humanidade (...) possa vos afligir. (...)” Ora, eis o sentido da solidariedade, inspiradora das ações de cidadania. Enquanto houver infelizes, não será possível

a felicidade humana. Eis por que a ação espírita para a paz⁹ solicita o amor, o *sentimento por excelência*⁵, capaz de inspirar as ações solidárias da cidadania, também presentes no Movimento Espírita, pois que plenamente identificadas com o *espírito* do Espiritismo.

A expressão *canto cidadão*^{*}, título desta matéria, clama pois como convite permanente à vivência desses princípios. Poeticamente é como se o cidadão *cantasse* os benefícios da solidariedade – filha do amor – que deve unir os filhos de Deus no Planeta. ■

⁹ Esta matéria é adaptação da palestra *Qualidade e dinamismo na ação espírita para a paz*, apresentada pelo autor no XI Congresso Espírita da Bahia, ocorrido de 31/10 a 3/11/2002, em Salvador-BA.

1º Congresso Espírita Paraguaio



Sessão de Abertura: Aspecto da Mesa

Realizou-se em Assunção, de 11 a 13 de setembro, no Salão de Convenções do Hotel Excelsior, o 1º Congresso Espírita Paraguaio, cujo tema central foi *Congresso pela Paz do Mundo à Luz do Espiritismo*. O Presidente da FEB e Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, representou ambas as instituições na Sessão de Abertura.

A programação do Congresso focalizou, especialmente, a Parte 3ª de *O Livro dos Espíritos*, que trata das Leis Morais, através de palestras, seminários e painéis, desenvolvidos por vários expositores, dentre os quais os brasileiros Nestor João Masotti, Maria Euny Herrera Masotti, Altivo Ferreira e Carlos Roberto Campetti. ■

⁵ 107ª edição FEB, tradução de Guillon Ribeiro, agosto de 1993.

⁶ Irmão de Marta e Maria, residentes em Betânia (Lucas, 10:38-42).

⁷ Destaques do autor.

⁸ Edição do IDE-Araras-SP, tradução de Salvador Gentile, páginas 88 e 89.

Uma expressão habitual: O Nosso Centro

Octávio Caúmo Serrano

Certa noite, quando chegávamos à Casa Espírita para os trabalhos, um companheiro nos disse: – Encontrei um amigo com problemas e lhe recomendei que viesse ao **NOSSO CENTRO**. Essa expressão fez com que meditássemos sobre o assunto.

Por que **Nosso Centro**? Vamos a algumas considerações.

Freqüentamos essa Casa Espírita porque, ali, nos sentimos bem, ora como participantes, ora como assistentes, e, assim, vamos levando a vida. Normalmente, fazemos isto, uma vez por semana, exagerando, duas.

Mas, conhecemos, de verdade, o nosso Centro? Como começou, quem o fundou, quais as atividades da casa? Aliás, por falar em casa, é própria ou alugada? Sabemos o valor das despesas, quem paga a luz, a água e o IPTU, a cada dia mais caro?

Já paramos, para pensar, como tudo começou? Como se deu o “epi-Centro”?

Hoje, ao chegar para a reunião, encontramos tudo organizado. Gostamos de ler e, ali, existe uma biblioteca, que nos oferece livros sele-

cionados da Doutrina Espírita, sem nenhum pagamento. Precisamos de assistência espiritual, ou gostaríamos de participar dos trabalhos de passes, e, ali, encontramos as equipes formadas, que nos atendem. Incomoda-nos um problema familiar, envolvendo vícios e desarmonias, e, ali, nos socorremos da entrevista que nos orienta como vencermos as dificuldades.

Antecedendo ou complementando essa coleção de oportunidades, desejaríamos ouvir comentários e explicações sobre o Evangelho do Cristo, à luz da Codificação Espírita e, ali, está o expositor, com uma lição preparada.

Na nossa Casa Espírita tem, também, como convém a toda boa organização, mensagens que a Espiritualidade Superior nos oferece, por meio de médiuns sérios e que, como gotas de sabedoria, vão nos equilibrando, pouco a pouco. Levamos, até, algumas para casa, porque nos parecem sob medida para alguém que conhecemos.

E na primeira vez que viemos ao Centro? Ainda, nos lembramos? Fomos recepcionados por alguém que, atenciosamente, nos explicou todas as possibilidades que a Casa oferecia: Explicação do Evangelho, Passes, Entrevistas, Escola de Espiritismo e Educação Mediúnica,

Moral Cristã e tudo o que, hoje, conhecemos, mais ou menos.

Quando estávamos com algum desequilíbrio psíquico, com a mediunidade querendo explodir, a equipe responsável nos assistiu, juntamente com os Espíritos, para organizar nossos “dons” mediúnicos, com o fim de nos capacitar a servir e servir-nos. Tudo, gratuitamente, e com carinho, ambos, coisas raras de se encontrar, hoje em dia.

Há, também, na nossa Sociedade um quadro de avisos. Curioso que quase ninguém lê e, com frequência, nele há informações importantes: cursos, ministrados na Casa ou em outros Centros, palestras, promoções, encontros, campanhas, etc. Encontramos, no quadro, os endereços de jornais e revistas espíritas que nos convidam a que façamos uma assinatura. Por falar nisso, você que, agora, nos lê, assina algum jornal ou revista? Um ano de assinatura custa menos do que um almoço simples. Já prestigiamos esses irmãos que se esforçam na divulgação do Espiritismo, geralmente com sacrifício pessoal? Instruímo-nos e nos atualizamos com a Doutrina, como convém a todo espírita, ou vamos ao Centro para dormir? Reencarnação é algo precioso. Será que acreditamos nisso, de verdade?

Outra coisa que esquecemos, ou nem mesmo sabemos, é que o Centro é uma pessoa jurídica e tem compromissos legais e fiscais. Tem livro de atas, livro caixa, entrega declaração de imposto de renda, paga licença de funcionamento e publicidade...

Então, caberia a pergunta: por que diante de tantas dificuldades as pessoas abrem Centros Espíritas?

Porque maior do que os problemas, é a vocação para a caridade, que começa a se ampliar nos corações humanos. Cada Centro aberto evita que criaturas acabem internadas em manicômios. A orientação evangélica contribui para diminuir a venda de psicotrópicos, porque organiza a alma e, por consequência, harmoniza o físico. Cada reunião de desobsessão retira das trevas Espíritos que viveram, desordenadamente, e, hoje, se escravizam às necessidades humanas, por viver em sintonia com a inferioridade dos encarnados. Com isso, incomodam, menos, os encarnados.

E qual tem sido nosso comportamento, perante a Casa que nos acolhe? Prestamos mais atenção às falhas, não é? Criticamos a irmã que, recentemente, nos atendeu sem o habitual sorriso, sem imaginar que ela poderia ter, em casa, o esposo enfermo ou desempregado, mas que, apesar de tudo, veio cumprir a sua obrigação, mantendo-se em seu posto? Será que, somente, nossas dores merecem atenção? Será que, ainda,

pensamos que o trabalhador espírita é invulnerável ao sofrimento?

E aquela dirigente, rigorosa na disciplina, que chama nossa atenção porque desaparecemos do trabalho, por comodismo ou desinteresse, não será nossa benfeitora? Nós a vemos, com mágoas, com melindres, porque ela detectou nossa irresponsabilidade. Detestamos ser corrigidos e não suportamos pressões. Só que elas, ainda, são necessárias porque somos vacilantes.

Após esse teórico esboço do que acontece na Casa Espírita, onde, até o amor entre as criaturas, muitas vezes, está ausente, propomos que todos nos unamos, nas tarefas do **NOSSO CENTRO**. À hora da saída, qualquer um pode fechar a janela, qualquer um pode apagar a luz ou fechar a porta. Todos, reunidos, formamos o Espiritismo, a redentora Doutrina, que não depende de papas ou gurus, de ministros ou sacerdotes, de mestres

ou pastores. É a doutrina do auxílio mútuo, onde não há maior ou menor. É a lição que o Cristo ensinou a poucos que podiam entendê-lo, no seu tempo, e que Kardec popularizou, a fim de que um maior número de criaturas pudesse ser beneficiado. Pena que, ainda, sejamos poucos.

Todavia, cada cristão que serve e dá exemplo, irá animando o que está ao seu lado para que arregace as mangas e participe, também. Neste instante de desentendimento universal, quando a palavra crise é a mais pronunciada, em todos os povos, somente existe uma saída para mudar o pessimismo generalizado entre as criaturas: **TRABALHO E CARIDADE**.

Fonte: *Tribuna Espírita*, de setembro/outubro/2002. Publicado originalmente em *Semeador* (órgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo), de junho de 1991. ■



Referência passo a passo

– II –

Capítulo de livro

Geraldo Campetti Sobrinho

Neste artigo, vamos apresentar os passos para elaboração de uma referência bibliográfica de livro citado em parte.

Suponhamos que ao redigir um texto, você tenha consultado vários livros. Evidentemente, não precisou ler na íntegra todos os livros pesquisados, utilizando-se apenas de um ou mais capítulos dos referidos documentos para subsidiar seu trabalho intelectual.

Como fazer, então, para citar essas partes de livros na lista das referências bibliográficas?

Já vimos os passos para elaboração de uma referência bibliográfica no todo, quais sejam:

1. autor;
2. título;
3. autor espiritual (somente para os livros psicografados);
4. edição;
5. local de publicação;
6. editora;
7. data de publicação;
8. número de páginas (não obrigatório).

Digamos que você esteja preparando uma palestra e, como palestrante organizado, planeja bem o tema a ser exposto. Para tanto, escreve um texto com as idéias principais ou, pelo menos, anota as fontes de informação que consultou para seu estudo, preparação e posterior acesso a esses dados.

Citemos um exemplo concreto: a sua palestra é sobre o aborto. Após a pesquisa para identificação e localização de textos de apoio para estudo, você encontrou um capítulo de um dos livros de Richard Simonetti que lhe interessa.

Para essa pesquisa, é fundamental consultar obras de referências em formato bibliográfico, eletrônico ou digital, tais como catálogos, dicionários/glossários, enciclopédias, índices de assuntos, dentre outras obras do gênero.

Inicialmente, você deve citar os elementos que identificam o autor e o título do capítulo. Em seguida, registra-se o termo latino In seguido de dois pontos (In:). Logo depois, inclui-se o nome do autor do livro. Como neste caso o autor do livro é o mesmo do capítulo, deve-se indicar a omissão do autor, uma vez que já foi registrado no início da referência, por meio de seis traços subscritos, seguidos de ponto. O restante é fá-

cil: são os passos de 3 a 7 anteriormente mencionados neste mesmo item. Logo após, cita-se a parte específica, ou seja, o número do capítulo referenciado, ou o intervalo das páginas iniciais e finais em que ele está inserido.

Complicou tudo?

Então, vamos lá. Vejamos passo a passo como se faz a referência de um capítulo de livro:

1. autor do capítulo – SIMONETTI, Richard.
2. título do capítulo – O quinto filho.
3. termo latino In seguido de dois pontos e de seis traços subscritos e ponto – In: _____.
4. título do livro destacado: *Quem tem medo dos espíritos?*
5. edição: 2. ed.
6. local de publicação: Bauru, SP
7. editora: Gráf. São João;
8. data de publicação: 1992;
9. intervalo das páginas do capítulo: p. 89-93.

A referência bibliográfica do capítulo pesquisado é registrada da seguinte forma:

SIMONETTI, Richard. O quinto filho. In: _____. *Quem tem medo dos espíritos?* 2. ed. Bauru, SP: Gráf. São João, 1992. p. 89-93.

Ao prosseguir a sua pesquisa, você encontra ainda um capítulo de um livro psicografado por J. Raul Teixeira. A referência bibliográfica ficaria assim:

TEIXEIRA, J. Raul. No dia do remorso. In: _____. *Para uso diário*. Pelo Espírito Joanes. 2. ed. Niterói, RJ: Fráter, 2000. Cap. 21. p. 115-116.

Outra possibilidade para esta referência, é iniciar com a citação do autor espiritual. Neste caso, ficaria assim:

JOANES (*Espírito*). No dia do remorso. In: _____. *Para uso diário*. Psicografado por J. Raul Teixeira. 2. ed. Niterói, RJ: Fráter, 2000. Cap. 21. p. 115-116.

Optamos pela primeira forma para efeito de padronização das entradas de autoria sempre pelo autor encarnado e, para as obras mediúnicas, sempre pelo médium. Porém, ambas as citações das obras psicografadas estão corretas. Adotando-se uma das formas de referência, deve-se mantê-la em toda a publicação.

Ao preparar a relação completa das referências, você pode optar em apresentá-las em nota de rodapé da página ou no final do texto. Preferimos para artigos de pequena extensão, como geralmente são os textos espíritos, que as referências sejam localizadas no final do artigo. No caso da preparação de livros, recomenda-

-se citar as fontes em notas de rodapé e, além disso, incluí-las no final da publicação em capítulo intitulado *referências* ou *notas e referências*.

Ainda assim, você dispõe de duas opções de organização: numérica crescente, isto é, as referências são apresentadas na sequência das chamadas no texto por meio de números, ou na ordem alfabética dos autores que en-

cabeçam a entrada das referências. A ordem alfabética é a mais empregada.

Prezado leitor, sabe qual é a sensação que tenho ao (in)concluir cada item desse?

A de que sempre está faltando alguma coisa.

No próximo artigo, veremos como fazer a referência bibliográfica de periódicos e de artigos de periódicos. ■

Apoio oculto

Escuta, coração,
Seja qual for
A nuance de dor
Que te mergulha em aflição,
Nunca te dê à intemperança
Do azedume que se inclina
Para a sombra abismal da indisciplina
Sem qualquer esperança.

Por maior seja o vulto
Da mágoa que te fere a alma dorida,
Resguarda-te na paz que nos defende a vida,
Sem cair em tumulto.
Procura o bem, nas trilhas em que vamos,
Cala-te, serve, age, abençoa e não temas,
A bondade de Deus jamais nos dá problemas
De que não careçamos.

Crise, tribulação, instante de agonia,
Desilusão, tristeza e dissabor
São medidas de amor
Com que o Céu nos protege, dia-a-dia.
A passagem do tempo não é vã
E, ante a luta maior, a que a vida nos leva,
Tudo o que nos pareça prova ou treva
Será luz amanhã.

Maria Dolores

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *A Vida Conta*. 3. ed., São Paulo: CEU, 1984, cap. 16, p. 52-53.

SEARA ESPÍRITA

Paraná: Seminários – Serviço Assistencial e Família

A Federação Espírita do Paraná promoveu em outubro dois seminários, com Elaine Ternel: dia 25, em sua Sede Histórica, das 15 às 18 horas, o Seminário sobre Serviço Assistencial Espírita; dia 26, no Teatro da FEP, das 9 às 12 horas, o Seminário sobre Família.

Bahia: Seminário Consciência e Mediunidade

A Federação Espírita do Estado da Bahia promoveu no dia 14 de setembro, em sua sede, o Seminário Consciência e Mediunidade, coordenado pelo Projeto Manoel Philomeno de Miranda, e tendo, por clientela, médiuns, integrantes de reuniões mediúnicas e interessados no tema.

Honduras: Seminário sobre O Livro dos Espíritos

A Coordenadoria para a América Central e Caribe do Conselho Espírita Internacional patrocinou e os Centros Espíritas de Honduras organizaram, em Tegucigalpa, o I Seminário Internacional de *O Livro dos Espíritos*, com a presença de confrades representantes da Guatemala, El Salvador, Cuba e Estados Unidos, e de cerca de 300 participantes dos Centros Espíritas de Honduras. Os temas do Seminário foram desenvolvidos pelos seguintes expositores: Edwin Bravo (Guatemala), Manuel de la Cruz (Cuba) e José Velazques (El Salvador).

SENAD: Combate às drogas

A Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), órgão federal responsável pelo combate à dependência química, elaborou um *kit* composto por sete cartilhas, sete prospectos e uma revista infantil da *Turma da Mônica*. O material traz variadas informações sobre as drogas, o mal que causam, como evitá-las, onde conseguir ajuda, tratamento, etc. Os interessados devem entrar em contato diretamente com a SENAD, pelo telefone 0800-614321. O *kit* é enviado gratuitamente.

USE/SP: Encontro de Evangelizadores

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) promoveu, através de seu Departamento de Infância, em 20 e 21 de setembro, no Lar Irmã

Celeste, de Guarulhos, o Encontro Estadual de Evangelizadores da Infância, com o objetivo de reunir educadores da infância, do Estado de São Paulo, para o aprimoramento e a troca de experiências. O tema central – *Educação Espírita* – foi desenvolvido pelos expositores Júlia Nezu de Oliveira, Luiz Fernando Penteado e Rita Foelker.

Casa Espírita Centenária

O Centro Espírita João Batista, fundado em 1902 por Manoel de Carvalho França, comemorou, no dia 24 de junho passado, 101 anos de atividades ininterruptas, com palestra de Joel Vaz, que abordou o tema *A comparação da reencarnação à luz da ciência e da filosofia*. A centenária instituição tem sua sede na Rua Dona Claudina, 105, Méier, Rio de Janeiro (RJ).

B. Horizonte (MG): Hospital Espírita “André Luiz”

A XII Semana de Espiritismo e Psiquiatria do Hospital Espírita “André Luiz” (HEAL), realizou-se em Belo Horizonte, com o apoio da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais, no período de 13 a 17 de outubro passado, com o tema central *Bioética e os Paradigmas Espíritas*. A palestra de abertura ocorreu na União Espírita Mineira, seguindo-se as demais em Instituições Espíritas da Capital, com encerramento no HEAL. Foram expositores no evento: Joana D'arc Pereira de Paulo, Rosemeire Simões, Dr. Oswaldo Hely Moreira, Dr. Roberto Lúcio V. de Souza e Dr. Jaider Rodrigues de Paulo.

França: Medicina e Espiritualidade

A Associação Médico-Espírita Internacional promove em Paris, no dia 16 de novembro corrente, o Primeiro Encontro na França sobre Medicina e Espiritualidade. O evento ocorre no FIAP (30, rue Cabanis 75014 – Paris, métro Glacière), cabendo a abertura a Roger Perez, Coordenador do CEI-Europa. O temário será desenvolvido através de palestras, seminários e mesas-redondas pelos expositores: Dra. Marlene Nobre, Presidente das AMEs Brasil e Internacional, Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, Dra. Katia Marabuco e Dra. Maria da Graça de Ender.